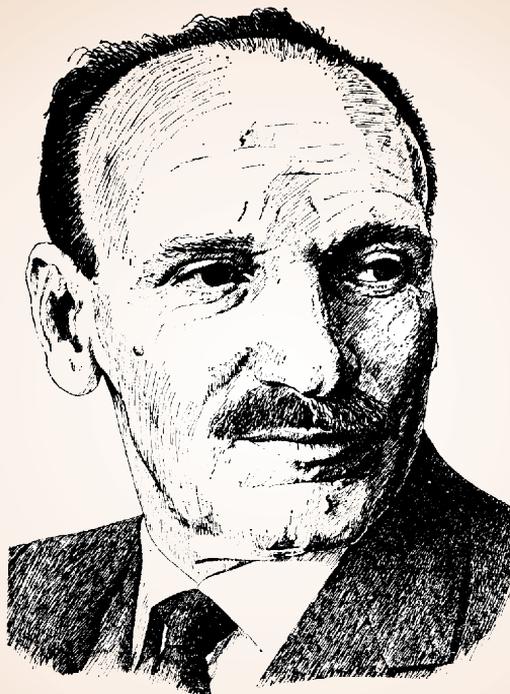


Ercília Macedo

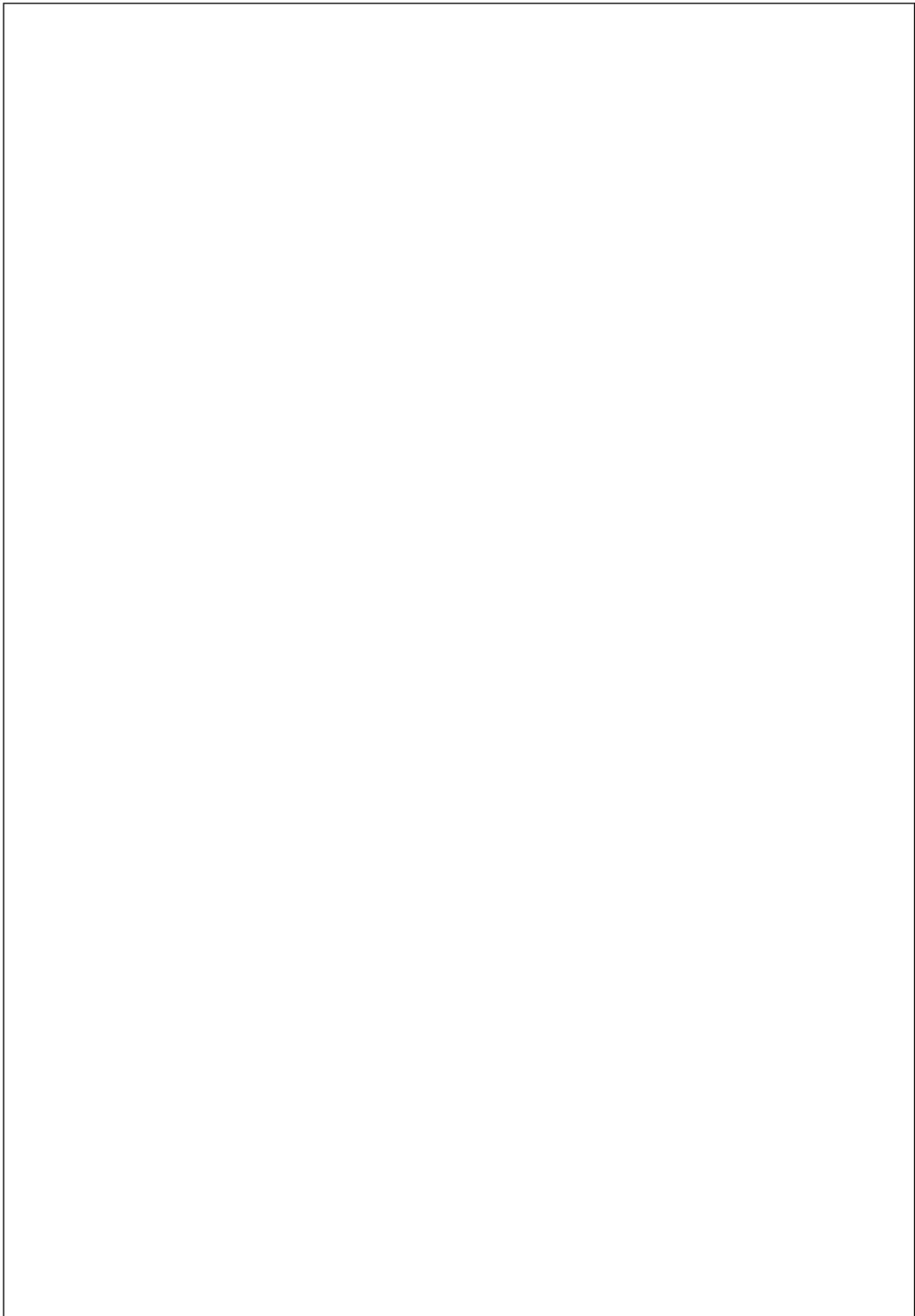


um

contista

goiano

BERNARDO ÉLIS
Bico de pena de Luís Jardim



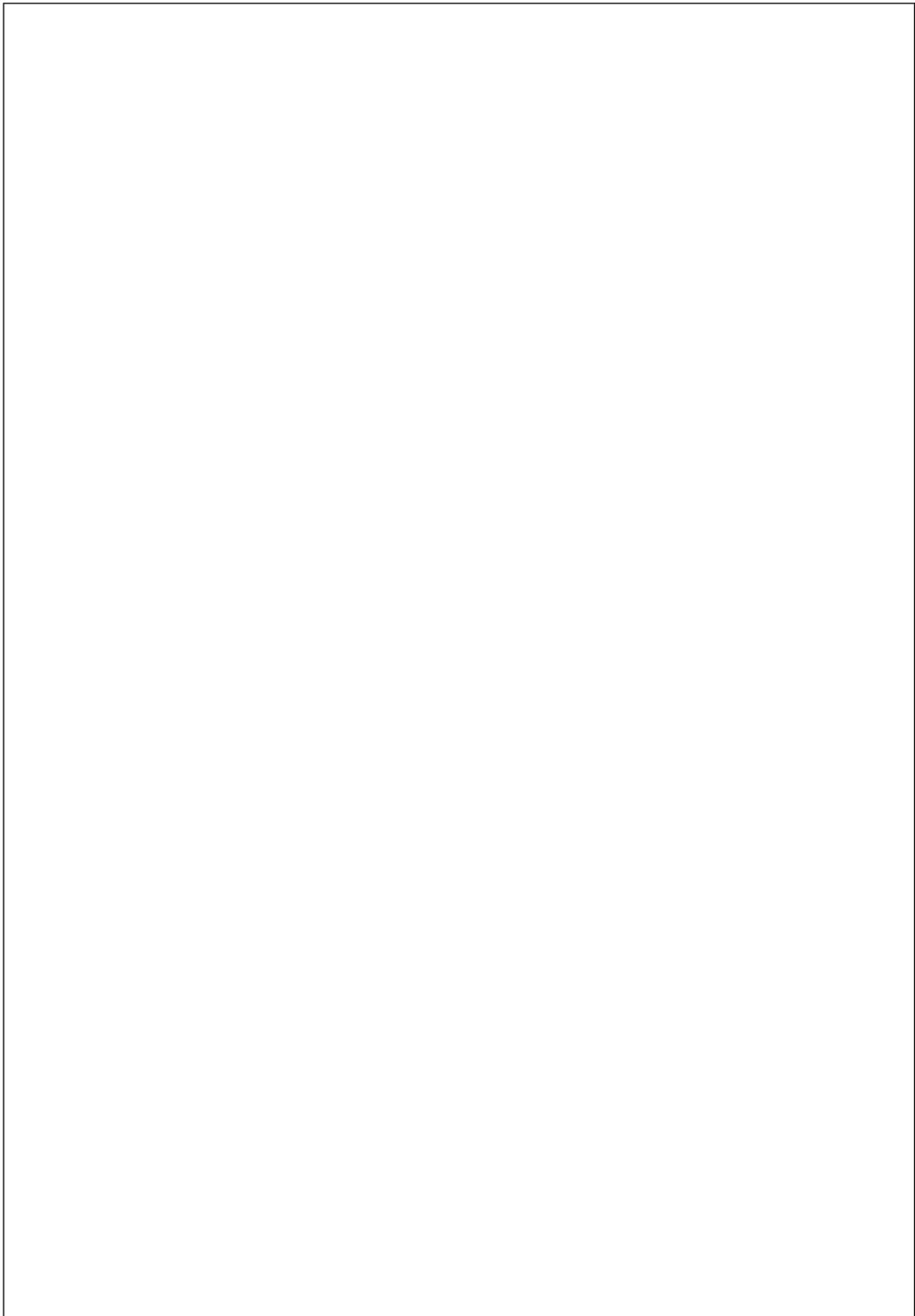
Ercília Macedo

um

contista

goiano

1968



UM CONTISTA GOIANO

CONTÉM:

Explicações antecedentes	9
Apreciação literária	19
Vocábulos e expressões que marcam seus contos	43
Pensamentos que seus contos encerram	52
Conclusão.....	59
Dados autobiográficos do autor.....	65
Bibliografica	83

*Aos bons mestres e a vovó,
fiel companheira, minha
modesta homenagem*

Dedicação especial

Dedico êste trabalho ao jornalista Domiciano de Faria Pereira pelo apoio que vem dando ao desenvolvimento cultural do Estado de Goiás, através do Departamento Estadual de Cultura, de que é Diretor, mediante a publicação e divulgação das obras de autores goianos.

Ao escritor Bernardo Élis pelo auxílio que me prestou, pondo-me à disposição, sua rica biblioteca e fornecendo-me informações valiosas, sem que não teríamos muitos elementos para a realização dêste opúsculo.

*Para meus filhos, Helen e Handel,
propulsores da realização de meu
nobre ideal.*

EXPLICAÇÕES

ANTECEDENTES

Êste valeu por uma manografia que deveria apresentar à Faculdade de Filosofia “Bernardo Sayão”, Anápolis, onde terminei o curso de Letras Modernas (1966).

Tarefa assaz árdua ter a pretensão de apresentar “Um contista goiano”, a figura mais importante do nosso modernismo, quando nossa bibliografia é, ainda, pobre em informes.

É evidente que li Gilberto Mendonça Teles (cito-o constantemente), que colhi dados com pessoas autorizadas, mas a verdadeira bibliografia dêste trabalho são as obras, os próprios contos de Bernardo Elis.

Êle mesmo declarara numa entrevista à “Fôlha de Goiaz”, ao chegar do “I Congresso Brasileiro de Escritores”, realizado em São Paulo, 1945:

“Em Goiás, onde o clima intelectual é ainda incipiente e desarticulado, onde o jornalismo é pobre e mirrado, constituindo quase que um diletantismo luxuoso, circunscrito à esfera local, os afazeres cotidianos não permitem que se dispensem maiores cuidados a essa reunião de literatos. O intelectual brasileiro parece vedado ao goiano, que se mantém num isolamento feroz, muito mais feroz do que o conservantismo e o retraimento mineiros, tão fustidados pela crítica dos últimos tempos”.

Com vinte e três anos, esta afirmativa não nos parece anacrônica: nossa literatura, todos o sabem, é incipiente, embora estejamos evoluindo lentamente para o amadurecimento literário.

Justifica-se êsse fato pelo isolamento geográfico de nosso território, pela presença de floresta e hostilidade dos silvícolas, também pela imaturidade político-administrativa do nosso Estado.

Daí porque Gasto de Deus Victor Rodrigues, citado por Gilberto Mendonça Teles (1), afirmar que:

“Quem se puser a escrever sôbre a incipiente cultura de Goiás, para ser equânime e sensato, não deverá jamais perder de vista a sua situação geográfica com relação à Metrópole, seu peso na balança política da União, e menos abandonar, na análise, vicissitudes diversas, acumuladas em sua pequena história.”

(1) Gilberto Mendonça Teles, **A Poesia em Goiás**, Estudo/Antologia, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 1964, pág. 36.

Desde o comêço do século XIX, alguns dos nossos escritores tentaram acompanhar os movimentos intelectuais do Rio de Janeiro e São Paulo. Tardiamente chegavam até nós as idéias literárias das regiões mais cultas do País.

NÔVO PANORAMA

Com a revolução de 1930 a paisagem goiana sofreu acentuadas transformações e, como conseqüência política-social surge a nova capital do Estado, Goiânia (Decreto de transferência n.º 1816, 23 de março de 1937).

Mas, como escreve o Prof. Joaquim Carvalho Ferreira, no “Breve Histórico”, Goiânia Documentada, 1958, página 26:

o batismo Cultural só se realizou em 5 de julho de 1942, Com a presença de representantes e delegados do Sr. Presidente da República, dos Estados e dos Ministérios além de altas autoridades civis, militares e religiosas e caravanas de todos os municípios goianos. Nessa ocasião realizou-se pela primeira vez nesta Unidade da Federação, a Assembléia Geral dos dois Conselhos do IBGE e o 8º Congresso Brasileiro de Educação.

E quem visita Goiânia, hoje, se recorda das palavras quase proféticas do engenheiro Armando de Godoy: “A cidade moderna, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e ao seu estabelecimento e à sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura, de ordem, de trabalho e de atividades bem coordenadas. Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob sua influência civilizadora. Onde se estabelece uma cidade moderna e bem aparelhada, surge a trindade econômica sôbre que se baseia a atividade material, que é ao mesmo tempo industrial, bancária e comercial, valorizando a terra numa grande extensão e evitando o êxodo das fortunas que nela se formam, bem como a emigração de seus habitantes, principalmente, dos que constituem a elite, os quais, é natural, só se sentem bem onde encontram campo vasto para suas atividades espirituais”.

Também não poderíamos negar a influência de Brasília no desenvolvimento de Goiás, verbas federais de grande vulto foram aplicadas ali. O Prof. Jurandir Pires Ferreira, quando prefaciava o volume XXXVI da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, 1958, assim se referiu à nova Capital do Brasil:

“... a construção de Brasília movimentou uma série imensa de atividades subsidiárias que já se fazem sentir no incremento extraordinário das zonas periféricas de Brasília, inclusive Anápolis e Goiânia que sentem o efeito benéfico deste novo mercado de trabalho e de consumo... Assim, Goiás, ao influxo de Brasília, tem diante das perspectivas de seu futuro o caminho aberto do seu progresso”.

Não há dúvida de que a construção de Brasília no Planalto Central, foi um passo decisivo para a exploração destas terras imensas, desconhecidas, outrora quase desprovidas de vias de comunicação.

Goiás precisava desse estímulo psicológico, desse “ponto de apoio entre o litoral e o sertão”.

É lógico que houve certa alteração em nossa finança estadual, mas, gradativamente, esse desequilíbrio se desfará, à semelhança dos exemplos Belo-Horizonte e Goiânia.

Quanto à parte literária, até o momento, Brasília não atuou satisfatoriamente no território goiano, “funcionando ainda o Rio de Janeiro como Metrópole para as nossas idéias literárias...” (2)

Mas todos sabemos que o fator marcante na modificação do nosso Estado foi sua nova capital, fazendo-se pressentir uma transformação cultural, “tanto que no seu número 9 a revista “Oeste”, sob o título de “Goiás e a Revolução de Outubro” escrevia:

Goiás é, talvez, a unidade federativa que mais se beneficiou com a vitória outubrista. O fator decisivo da extra-ordinária evolução do Estado foi Goiânia, pois foi a começar da mudança da capital que tudo aqui passou a cadenciar-se por um ritmo acelerado de progresso.
(3)

(2) Gilberto Mendonça Teles, op. cit. pág. 193.

(3) idem, pág. 155.

OUTROS FATÔRES DE PROGRESSO CULTURAL

1 - Fundação da “Agremiação Goiana de Teatro” (AGT), idealizada por Otávio Zaldivar Arantes, jovem dinâmico e idealista, que, em 1946, apresentou a peça “Pertinho do Céu”, de Mário Lago, o que revela uma característica de amadurecimento em nossa literatura.

2 - Criação de “Goiáz - Môço”, em 1948; era um jornal dirigido pelos estudantes Isorico de Godoy, Casimiro Lima, Edison de Castro, A. G. Ramos Jubé e outros. Êsse jornal teve curta duração, mas serviu de estímulo para a gente nova em arte literária.

3 - Incremento Educativo.

Quando o ex-governador Mauro Borges Teixeira fazia o seu Plano de Govêrno, na página 67 do segundo volume, escreve o seguinte, quanto à nossa educação:

“O sistema educacional de Goiás exprime sua estrutura subdesenvolvida, refletindo suas condições na estatística de analfabetos e na escolaridade insignificante.

Com efeito, cêrca de 65% da população do Estado não sabe ler nem escrever; e apenas 5% das crianças que logram matricular-se concluem todo o curso primário, o que evidencia que nada de positivo se tem feito para diminuir o índice de analfabetismo registrado em 1950.”

Atualmente o aspecto educativo tem mudado em nosso Estado. Há boa distribuição de escolas primárias, com professôras normalistas ou fazendo o curso normal, nomeadas mais por competência do que por injunções político-partidárias, como se via outrora.

O ensino médio também se desenvolve acentuadamente, existindo (em 1964) 144 estabelecimentos de ensino secundário em Goiás. A CADES prepara e atualiza os professôres não formados em Faculdade, através de seus cursos de aperfeiçoamento. Mas o maior desenvolvimento dá-se no ensino superior, o aparecimento de universidades em Goiás veio alargar os horizontes culturais do goiano.

No estudo dos últimos acontecimentos que contribuíram para o

progresso cultural de Goiás não devemos olvidar a fundação da Faculdade de Filosofia de Goiás, em 1949, atualmente anexada à Universidade de Goiás (Católica).

As Faculdades de Filosofia no Brasil datam de 1935, e desde então propagam métodos para as investigações literárias, combatendo, assim, o autodidatismo de grande parte de nossos homens de letras. E, para comprovarmos esta verdade, citaremos Alceu de Amoroso Lima, também citado por Gilberto Mendonça Teles (4):

“A fundação das Faculdades de Filosofia, posterior ao Modernismo, não é de modo algum indiferente a êsse fato e, pelo contrário, é uma razão de ser dessa capital modificação de estado de espírito em relação ao passado”.

E, aqui, é o próprio autor de “A Poesia em Goiás” quem escreve: ... “temos de olhar também com imensa simpatia a fundação da nossa Faculdade de Filosofia, donde sairão, como já está acontecendo, os futuros responsáveis pela nossa literatura”. Já ao 1960, na “Revista Goiana”, editada no Rio de Janeiro, salientávamos a importância da Faculdade na ativação do nosso contexto cultural. Depois de situar o Estado de Goiás, após a criação de Goiânia, escrevíamos:

“Data daí a rápida transformação do Estado, a cujo impulso veio agora ajuntar-se a interiorização da capital brasileira. / Mas essa transformação se subordina também a um complexo de causas, dentre as quais, a ficar somente no campo artístico-literário, não deve o historiador ou estudioso esquecer a Faculdade de Filosofia, hoje integrada a Universidade de Goiás. / Como aconteceu com outras partes do Brasil, a criação da Faculdade de Filosofia em Goiás constituirá, dentro, digamos, de uma década, quando puder ser olhada com perspectiva histórica, o marco estético da nossa evolução cultural. Preparando professores para o magistério e formando um clima de estudos superiores, vai pouco e pouco substituindo a improvisação e o autodidatismo por uma rigorosa disciplina intelectual, capaz de orientar-se para pesquisas metódicas, dentro de uma teleologia conscientemente selecionada”. (5)

Até 1950 nosso Estado possuía somente a conhecidíssima

(4) Gilberto Mendonça Teles, op. cit. pág. 158.

(5) Gilberto Mendonça Teles, op. cit., pág. 159.

Faculdade de Direito, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, fundada em 1947 e a Faculdade de Filosofia, nosso assunto em linhas anteriores.

Dessas faculdades decorreram a criação de duas universidades:

a) Universidade de Goiás (Católica), 1959, constando da Faculdade de Filosofia, Faculdade de Ciências Econômicas, Escola de Serviço Social, Faculdade de Direito, Escola de Enfermagem e Escola de Belas Artes.

b) Universidade Federal de Goiás, 1960, iniciada com os seguintes estabelecimentos de ensino: Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina e Conservatório de Música. Estando tudo em ordem, o reitor Colemar Natal e Silva idealizou novas instituições como: o Centro de Estudos Brasileiros, o Centro de Estudos Latino-Americanos, o Instituto de Bioquímica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o Instituto de Industrialização Farmacêutica, o Colégio Universitário, a Escola de Agronomia e Veterinária e o Instituto de Belas Artes.

A Universidade Federal de Goiás está contribuindo ativamente no campo literário, com sua Imprensa Universitária modernamente equipada, em nosso Estado.

4) “I Congresso Nacional dos Intelectuais”

De todos os acontecimentos narrados e ainda outros que não mencionamos, o “I Congresso Nacional dos Intelectuais”, realizado em Goiânia de 14 a 21 de fevereiro de 1954, foi o que melhores benefícios trouxe, intelectualmente. Contou com a presença dos mais renomados escritores nacionais e internacionais, vieram: do Chile - Pablo Neruda, de Portugal - Fernando Corrêia Silva, do Haiti - René Depestre, e vários outros. De cada Estado vieram representantes de valor, entusiasticamente aplaudidos pela população goianiense.

O MODERNISMO EM GOIÁS

O movimento Modernista libertou nossos escritores de uma sujeição à disciplina da língua de Portugal e ao fino gosto da França.

Manuel Bandeira afirma que 1922 é o ano do modernismo

brasileiro como movimento organizado. Mas seu primeiro rastro foi deixado dez anos antes por Oswald de Andrade (1912), influenciado pela propaganda futurista de Marinetti: “Último passeio de um tuberculoso pela cidade, de bonde”, deixou muita gente assustada.

A exagerada rebeldia dos moços da Semana de Arte Moderna, principalmente Mário de Andrade e Manuel Bandeira, constituiu um grito de libertação à poesia, o qual alcançou mais tarde a prosa, o romance, rompendo com o tradicionalismo literário.

Em Goiás, pretendem alguns que o Modernismo também tenha aparecido em 1922, na cidade de Pires do Rio (5 de maio de 1922). Porém Gilberto Mendonça Teles afirma, citando A. G. Ranhos Jube”.

(6)

que, como movimento mais ou menos coletivo, em declarada oposição à fraca literatura dominante, somente a partir de 1942 é que se pode notar em nosso Estado/ “a presença de um grupo atuante e rebelde, que encarava o fenômeno literário com a seriedade devida e atitude inteligente.

Quando o nosso Modernismo começava, o movimento nacional entrava em sua terceira fase, estando, assim, nossas idéias superadas na literatura do País; atualizando-se com alguns poetas, como Jesus Barros Boquady.

Afirma-se que o movimento modernista aparece em Goiás, em 1928, quando Cilleneu Marques de Araújo Valle (nome que a partir de 1906 o poeta simplificou para o pseudônimo de Leo Lynce), escreveu “Ontem”. Nesta obra o poeta se mostra hesitante, com dificuldades no ritmo e na exploração do conteúdo, o que sem dúvida é característica de uma mudança no padrão literário.

Leo Lynce buscava em “Ontem” (1928) as expressões das escolas literárias em evidência, daí mesclarem-se influências parnasianas, naturalistas, simbolistas e modernas em suas poesias.

A partir dessa data, os escritores goianos foram despertados

(6) Gilberto Mendonça Teles, ob. cit. pág. 161.

para diferentes padrões literários e poéticos e com a publicação da revista “Oeste”, em 1942, as idéias modernistas foram aceitas por parte dos outros escritores e do público. Essa revista, porém, foi vítima de lutas partidárias entre seus redatores, rompendo-se em definitivo aquêlo quase forçado aspecto de sentido coletivo que os caracterizava em torno da revista. Daí o grande hiato que os vai separar, entre 1950 e 1956, quando se dá o aparecimento de um nôvo grupo – “O Grupo dos Quinze”– descompromissado, e que se valeu das antigas experiências modernistas para exprimir novos rumos à nossa literatura na atualidade. Depois de “Oeste”, várias revistas literárias se fundaram em Goiânia, muitas delas não passando de um ou dois números. As mais importantes foram “Agora” (1946), fundada por Oscar Sabino Júnior e “Seara”, fundada por Bernardo Elis em 1952, e que, passados seis anos, voltou novamente a circular, desaparecendo em seguida. (7)

De 1942 a 1956 marca o período de mais destaque nas lêtras goianas, tanto na poesia como na prosa. É o período modernista, cujos escritores ainda vivem, mas alguns dêles inoperantes e desatualizados com as novas conquistas literárias.

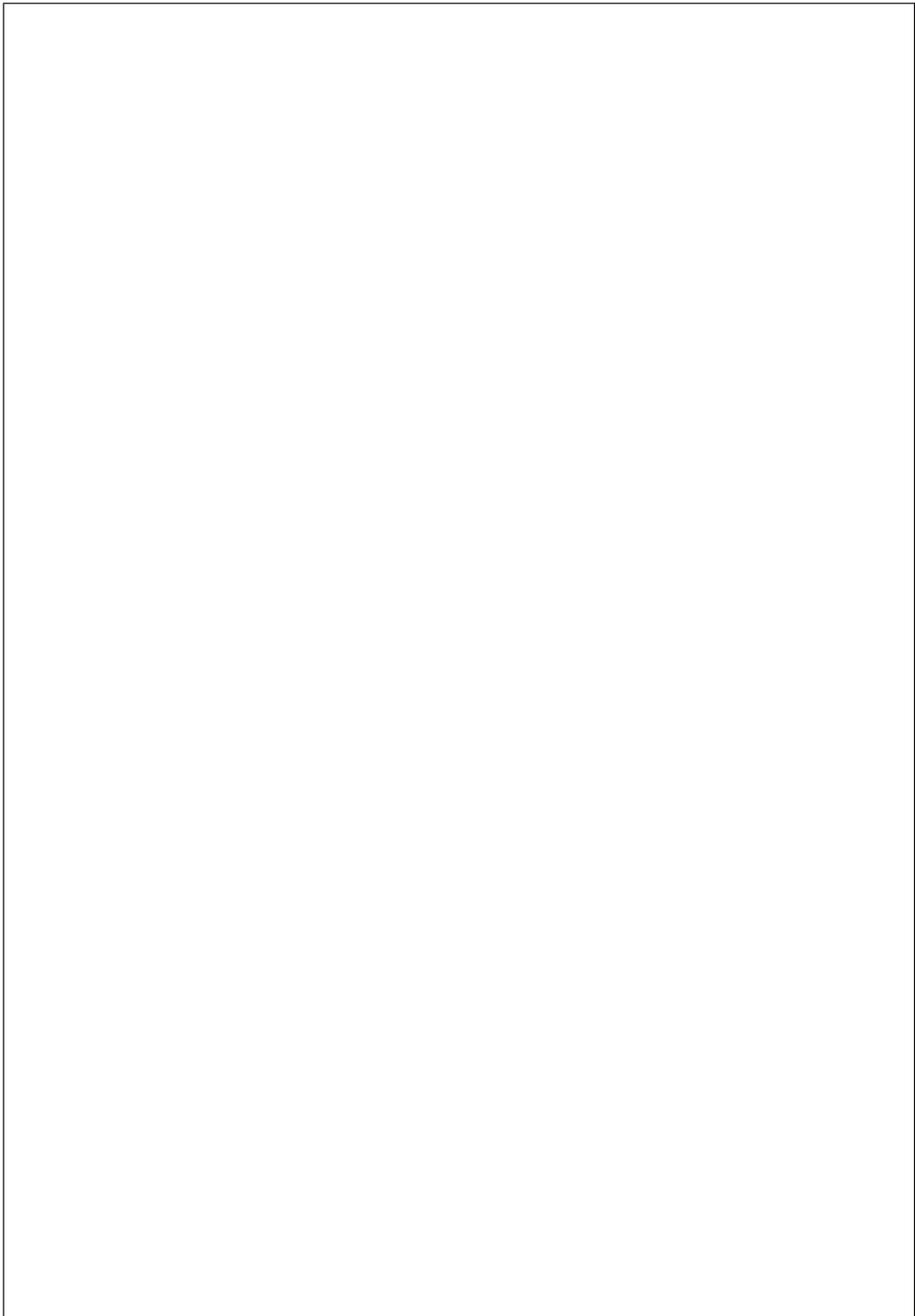
Aqui estão nossos escritores, antiquados ou sintonizados com a literatura atual, inoperantes ou em plena produção, realizados ou procurando novos rumos literários. Ei-los, dentre outros: Gilberto Mendonça Teles, João Accioly, Xavier Júnior, Lopes Rodrigues, José Décio Filho, Rosarita Fleury, Demóstenes Cristino, Mário Rizério Leite, Edésio Daher, Eli Brasiliense, José Gooy Garcia, Leo Godoy Otero, Afonso Félix de Sousa, Zoroastro Artiaga, Colemar Natal e Silva, Victor de Carvalho Ramos, Domingos Felix, A. G. Ramos Jubé, Ada Curado, Basileu Toledo França, Waldomiro Bariâni Ortêncio, Regina Lacerda, Jesus Barros Boquady, Cônego José Trindade da Fonseca e Silva (já falecido), Carmo Bernardes, Miguel Jorge, Antônio José de Moura, Maj. Humberto Crispim Borges, Modesto Gomes, Anatole Ramos, Luís Araújo e Bernardo Elis, assunto de nosso trabalho nas linhas que seguem.

(7) idem (6), pág. 162.

UM CONTISTA GOIANO

*“A obra de arte deve conter mais
questões que resposta”*

Álvaro Lins



Bernardo Elis é, sem dúvida, a figura mais importante do modernismo goiano. Trouxe para nossa incipiente literatura as idéias revolucionárias de Manuel Bandeira e Mário de Andrade, provocando escândalo no público leitor da década de 1933-1943, com seus poemas-piada.

Suas poesias eram diferentes na linguagem, matizadas de regionalismo, como se evidenciam em “Primeira Chuva”, 1955, coletânea dos poemas publicados em “O Liceu”, em “Oeste” e em outros jornais da década acima referida.

Observemos “As Tranças de Matilde”, poema-piada que bem define a primeira fase do modernismo nacional:

“Por causa das tranças de Matilde,
o sacristão deu de ponta
do alto da tórre da igreja.
E seu Lucas Sapateiro matou a mulher
na madrugada de 2 de abril de 1922.

Além disso, muitas catástrofes menores aconteceram

num dia de procissão do sr. dos Passos,
(cheiro de velas bentas,
as filhas-de-Maria carregando o andor de Senhora das Dores;

mãe, eis aqui teu filho!)
o filho do Manèzinho (êta menino impossível!)
arrancou, num bruto safanão,
as fatídicas tranças postiças de Matilde.”.

Alguns de nossos modernistas começaram a expressar-se pela poesia até que se adaptassem ao gênero que melhor os identificasse, e nesse poema nós podemos ver em Bernardo Elis mais um prosador do que um poeta.

Também a ternura do passado não se ajusta mais ao estro poético do momento. Vemos, a cada instante, a tortura do poeta moderno com seus versos brancos, soltos, livres, bem condizentes com os anseios da atualidade.

Os poetas extraordinários sucumbem, a turbamulta

contemporânea atinge tal proporção que o poeta não consegue mais concentrar-se; é um versejador pugnaz.

* * *

Já “Ermos e Gerais” (1ª edição publicada em 1944, e 2ª edição, 1959) com vinte contos, foi obra que teve repercussão nacional pela originalidade, pelo regionalismo e caráter essencialmente realista. Veio, então, adaptar Bernardo Élis à prosa, identificá-lo com o maior contista do Brasil Central.

Fôra assim julgado por Monteiro Lobato:

“Acabo de ler Ermos e Gerais... 'Quod abundat nocet'. O livro está prejudicado pelo excesso de talento do autor. Como derrama! Se você conseguir disciplinar, amansar o cavalo bravo do seu talento, e se admitir que um livro não é escrito para nós mesmos e sim para uns receptores espalhados pelo mundo e chamados «leitores», teremos em Bernardo Élis o mais prodigioso escritor do Brasil moderno, o primeiro grande manejador da imensa massa de dores, estupidez crassa e tragédia que é o imenso Brasil analfabeto do interior”.

Surge o escritor goiano, enérgico de expressão, agradável, popular, vital e espontaneamente original, regionalista – tão realista como Dionélio Machado, sendo que êste se distingue pelo realismo urbano em “Ratos”, e Bernardo Élis pelo realismo consistente e sertanista em “Ermos e Gerais”, “sem ranço do documento, tão prejudicial à ficção legítima”, como afirma Mário de Andrade a seu respeito.

Desprovido de enfeites literários e sem forçar as expressões, descreve as paisagens goianas física e socialmente, de maneira concreta, direta. E por ser nosso Estado essencialmente agro-pecuário usa os animais e coisas rudes para fazer suas comparações, assim como as palavras que expressam lentidão, sossêgo (pasmaceira, fumacenta, morno, mornamente, pachorrentamente, brancacento) para retratar com mais propriedade a natureza pacata de Goiás.

Bernardo Élis em seus textos, além de regionalista e realista, é dramático, violento, irônico, cruel, bruto e, às vezes, causa-nos horror, como em “A mulher que comeu o amante”, num rio apinhado de piranhas:

“Uma vez, Januário ainda tinha a lazarina, pregou um tiro num veado. O cujo caiu nágua, mas não chegou nem a afundar-se. O poço brilhou no brilho pegajoso de mil escamas e tingiu-se de rubro. Depois, quando a água se limpou mais, a ossada do veado ficou alvejando higênicamente no fundo rio.”

Adiante êle descreve Camélia, amante do velho baiano Januário, o qual de Xiquexique se deslocara para um aflente do Santa Teresa. Seu primo (dela) e ex-namorado Isé, extraviando-se viera encontrá-los ali, em tórno do fogo:

Mas os trapos mal tapavam as carnes da moça que ardiam lascivas através dos buracos dos tecidos, como uma brasa divina de pecado. As pernas fortes, tostadas, mal encobertas, aumentavam o desejo do Isé, que era uma navalha na valsa”. (...)

Uma lágrima ainda soltou e caiu na bôca de Camélia que estava carrancuda e quieta atrás do primo. Ela teve nojo, quis cuspir fora, mas estava com tanta saudade de comer sal que resolveu engolir.

Podemos observar nesse conto, como em tôdas as páginas de Bernardo Élis, a crítica social, a preocupação do autor em mostrar ao público leitor a desolação, a penúria e a degradação a que se subordinam os sertanejos goianos, ignorantes, pobres, cheios de “simpatia”, os quais são geralmente tapeados pelos grandes proprietários de terras.

Bernardo Élis, à semelhança de Edgar Allan Poe (1809-1849), explora êsses aspectos dos escaninhos goianos, da alma de nossa gente e usa sua arte com o escôpo de mostrar o dilema do fardário humano, sem a bazófia de tentar solucioná-lo.

Como na ficção de Poe, não se preocupa muito com a beleza pura, sabe que o choque emocional que o leitor recebe constitui o fundamento de um conto – busca as leis do interior que causam o resultado mais forte e vivo naquele que lê.

E já finalizando “A mulher que comeu o atuante” deparamos com:

“A caveira (do velho Januário) ria cìnicamente, mostrando os dentes sujos de sarro, falhados pela velhice, com um chumaço de barba na

ponta do queixo, formando um severíssimo cavanhaque de ministro do 2º império.

De vez em quando a água bolia e o esqueleto mexia-se mornamente, como se estivesse negaceando os criminosos (que o haviam empurrado às piranhas e depois comido algumas delas, ainda com gosto humano). A caveira ria na brancura imbecil dos dentes sarrentos”.

Ainda como Poe, Bernardo reconhece que a emoção primordial do ser humano é o medo, o terror que faz gelar o sangue dos leitores, daí buscar o quase sobrenatural para seu material literário, como em “Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá”, “André Louco”, “A Crueldade Benéfica de Tambiú”, – “O Caso inexplicável da Orelha de Lolô” também o identifica com o escritor norte-americano pela realidade noturna que o caracteriza. Êste conto terrível faz-nos reviver, ainda, aquêles amôres do século XVIII, entre negros escravos e sanházinhas.

O sadismo de “O Diabo Louro”, reflete a coluna invicta dos revoltosos:

“Era horrível e bruto (Chico Brasa) como argola de laço. Nunca tivera um amor sequer e dizia que tôda mulher zombava dêle e que tôdas o haviam amesquinhado, inclusive a própria mãe, que o abandonara numa creche. Quando, pois, sabia de noivos, pegava-os, dava boa sova no macho, na frente da moça depois satisfazia sua libido com ela em presença do noivo”. (...)

“Depois do pouso, tomavam aquelas mantas de carne, fresca, punham-nas junto com o lombo do cavalo, jogavam o arreio em cima, montavam e lá iam em tropelia, para parar num lugar qualquer, fazer um foguinho e assar aquela manta de carne salgada de suor, ensebada com o pus das pisaduras, temperada com a pimenta da poeira e da lama.

Ficava para trás (dos revoltosos) o medo; o chôro e o terror no coração dos pobres roceiros que não sabiam de nada nem se eram brasileiros, nem se seu Bernardes mandava no mundo, ou se o Imperador ainda.”

“As Morféticas”, último conto de “Ermos e Gerais” é cheio de contrastes, de surpresas horrendas – o contista-narrador “vive” o fato numa estrada deserta, próxima de Goiabeira, da qual se afastara um pouco, – movido pela fome deixou-se orientar pelos latidos de um cão à distância:

“Fui achar um animal cheio de calombos, peladuras, orelhas gafentas e pesadamente caídas, como se fôssem duas folhas sujas de lama.

– Deveria ser morfético. Mas será que cachorros também ficam morféticos? (...)

Fui até a cozinha. Tudo deserto. Na varanda havia uma mesa posta, com arroz, carne de porco, farinha, feijão e uns bolinhos muito bem feitos. Tinham sido manuseados com carinho e arte. Viam-se ainda as marcas dos dedos que os acalcaram. Comi alguns.

– Ô de casa!

Nada. Resolvi então jantar. Já satisfeito, dirigi-me para a sala e me espichei numa rêde ali armada. (...)

...estava esperando que entrasse daí a pouco uma mulher muito linda pela sala. O crepúsculo vinha vindo macio, como um gato cheio de intimidades, entrando pelo rancho. (...)

Mas a virgem viria linda. Entraria. Começaria a despir-se e sua carne cheirava e iluminava como uma brasa meu sensualismo. Ela ainda não me havia visto e agora que me percebeu queria ocultar a vergonha, as suas formas pudicas, fugindo para dentro do quarto.

Agarro-a freneticamente Ela treme, tem no rosto o mêdo delicioso das crianças. Numa reviravolta, entretanto, muito natural em sonhos (eu já caíra numa sonolência boa), começa a abraçar-me levemente, – vai beijar-me. E, de súbito, transforma-se numa fera terrível – morde-me.

Dei um pulo na rêde: mas na verdade braços invisíveis me agarravam com raiva e bôcas fedorentas me mordiam as pernas, o rosto, os braços.

Na luta, agarrei fortemente um rosto. Pelo tato, senti que corria dêle um pus grosso que me sujou a mão: – Será que é baba?

Notei mais que o rosto não tinha nariz e estava cheio de calombos e poronós. (...)

Eis o que vi: quatro espetros vestidos de xadrez, apalermados ante a luz forte. Tinham as faces encaroçadas, as orelhas inchadas, tumefactas, uns tocos de dedos retorcidos e engelhados, o crânio pelado e purulento. Principiaram a conversar entre si. A voz saía fanhosa, fina, soprada pelo nariz. Uma voz nojenta, leprosa.

Quando lhe iluminei o rosto com a lâmpada, seus olhos me apareceram brilhantes, nadando num poço de pus e podriqueira, nas órbitas roídas, sem sobrancelhas. A cara encaroçada e balofa não tinha nariz e pelo buraco a gente via até a garganta arfante.” (...)

Bernardo Élis distingue-se poderosamente, no conto ou no romance, porque foi solerte para fazer voltar à nossa ficção o esplendor que desaparecera com seu antecessor Hugo de Carvalho Ramos, também paisagista admirável.

Aliás, as realidades sôbre as quais êles escrevem pertencem à mesma ragião, daí seus temas se aproximarem, assim como os tratamentos literários. Basta observamos os leprosos, de Hugo em “Pelo Caiapó Velho” e “As Morféticas”, de Bernardo, para nos cientificarmos dêste paralelo.

Contrariamente, as obras dêsses autores se afastam pelo estilo literário individual, conforme acentua Gilberto Mendonça Teles em O Conto Brasileiro em Goiás, 1967, pág. 63:

Se o impressionismo de Hugo o levava aos períodos sensivelmente musicais, assindéticos, na parataxe propícia às orações nominais, dando “soltura a la frase”, como escreveu Amaado Alonso e Raimundo Lida (“El Impresio en el Lenguaje”, 1936), em Bernardo Élis – em tôda a sua obra o que predomina é aquêlo “estilo veni - vidi - vinci”; na denominação de Helmut Hatzfeld (“El Quijote como Obra de Arte del Lenguaje”, 1949): a frase curta, direta, incisiva; as imagens rápidas, antipoéticas, prosaicas, acentuando o cunho neo-realista e, como tônica geral de tôda a sua obra, o fio negro, desumano, do humor às avessas, do humor negro que eletriza o espírito como uma fâisca de horror. (...)

Em “Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá” “André Louco” e “Um Duelo que Ninguém Viu” Bernardo Élis surge, convence, escreve ágil e pitorescamente, sem os exageros que marcam outros contos em “Ermos e Gerais”, entretanto, como o autor de “Tropas e Boiadas”, permanece fiel ao apêlo da realidade sertaneja do seu torrão, apêlo inconsciente e indistinto de homens sem chão, de bichos, árvores, terras e rios, e onde a própria fantasia mórbida, ainda que oriunda de psicologia enfermça, não estaria assim tão distante da realidade popular e folclórica da gente goiana.

Observemos o primeiro dêles:

“Fíio, fais um soio de boi lá fora pra nois.

O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfiou o calcanhar na lama, rodou sôbre êle o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole - outra e mais outra. 3 círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero.

Isto era simpatia para fazer estiar. (...)

O Quelemente, filho da velha, entrou. Estava ensopadinho da silva. Dependurou numa forquilha a caroca, - que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva, - tirou a camisa molhada do corpo e se agachou na beira da fornalha. (...)

Onde êle se agachou, estava agora uma lagoa, de água escorrida da calça de algodão grosso.

A velha trouxe-lhe um prato de fôlha e êle começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro. Era um feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra”.

Reafirmamos que Bernardo Élis é, sem dúvida, um crítico social – retrata neste e noutros contos a miséria, a pobreza, a ignorância, o conformismo do sertanejo goiano à desolação, o primitivismo supersticioso (beberagens, benzeduras, responso, fechamento de corpo, etc.)

Voltemos em “Nhola dos Anjos e a Cheia do Corumbá”:

“No lugar da casa de telhas, que ruiu, ergueram um rancho de palhas. A erva se incumbiu de arrasar o resto do gado e as febres as pessoas. (...)

A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava. Ratos, sapos, baratas, grilos, aranhas, – o diabo refugiava-se ali dentro, fugindo à inundação que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote. (...)

O teto agora começava a desabar, estralando, arriando as palhas no

rio, com um vagar irritante, com uma calma perversa de suplício. Pelo vão da parede desconjuntada podia-se ver o lençol branco, que se diluía na cortina diáfana, leitosa do espaço repleto de chuva, e que arrastava as palhas, as taquaras da parede, os detritos da habitação. Tudo isso descia em longa fila, aos mansos boléus das ondas, ora valsando em torvelinos, ora parando nos remansos enganadores. A porta do rancho também ia descendo. Era feita de paus de buritis amarradas por em biras.

Quelemente nadou, apanhou-a, colocou em cima a mãe e o filho, tirou uma ripa mais comprida para servir de varejão, e lá se foram derivando, nessa jangada improvisada. (...)

– Mãe! – lá se foi Quelemente gritando dentro da noite até que a água lhe encheu a bôca aberta, lhe tapou o nariz, lhe encheu os olhos arregalados, lhe entupiu os ouvidos abertos à voz da mãe que não respondia, e foi deixá-lo, empanzinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira”.

Em “Um Duelo que Ninguém Viu”, temos páginas lúgubres e frias, nas quais o escânio, a vaidade e a indiferença à vida geram o crime, assim como em outras, o desejo da fêmea gera o ódio e a morte, ou a miséria e a fome são as responsáveis pela peste e escravidão dos racionais.

O texto caracteriza-se pela narrativa segura, tipos distintos e personalidades estranhas ou indiferentes às vicissitudes da vida:

“Moisés fôra seu arrieiro um lote de anos. Baiano enxuto, macio de fala, fiel de coração. Os dentes apontados a faca davam-lhe ao sorriso um ar ameaçador de bicho carniceiro. (...)

Moisés mais o Angelino, uma vez, vinham de Goiás (velha capital), aonde foram levar carga. Tinham deixado Itaberaí e o sol já estava meio baixo. Angelino tirou uma garrucha e meteu fogo num tamanduá, assim na beirinha da estrada, o meleta morreu no baque. Moisés cuspiu de esguicho, estalou o piraí no ermo pasmado da tarde, e não disse nem arroz, numa indiferença humilhante.

– Cum essa bicha eu infrento inté o cão, Moisés.

Como baiano dos bons, Moisés zombou: – Isso pra mim num tem serventia. Eu gosto de vê mas é ferro véiu, e cuspiu novamente de esguicho.

– Bamo vê intãoce, baiano, quar que vale mais: sua pernambucana ou

minha tronchada.

– Bano, uai! É só ocê segurá o ponto. Se ocê num me matá no baque do catulé, eu te pico ocê nessa neguinha e desembainhou, uma baita faca aparelhada, de dois palmos de lâmina. (...)

O baiano vinha montado, carregando o Angelino no arção da cutuca, com a ruana do companheiro amarrada à cauda do seu pêlo de rato. Ambos eram urna papa de sangue. Angelino tinha o ventre atado por um lenção de alcobaça, aquêl e mesmo que Moisés usava na cabeça, por baixo do chapéu.

Houve um reboição na fazenda do Capitão Filó Simões. Angelino pediu que cuidassem só do balaço dos peitos de Moisés, porque êsse podia sarar, e meia hora depois estava estendido no jirau da sala, as mãos morenas enrançadas sôbre o peito e o lenço do bucho minando sangueira”.

* * *

Em 1956, a Livraria Martins Editôra, São Paulo, lançou o primeiro romance de Bernardo Élis, “O Tronco”, inspirado em acontecimentos da história goiana, ocorridos por volta de 1920, em São José do Duro, município Dianópolis.

Apesar de desprovido do viço que marca “Ermos e Gerais” constituiu sucesso em nossa literatura pelas polêmicas que provocou: - “O Tronco” foi lido, comentado, discutido e combatido: cumpriu assim o objetivo das obras de arte, principalmente em se tratando de romance histórico, como era o tema do romance.” (8)

* * *

Nove anos depois, em 1965, mais seguro, mais experiente e com uma simplicidade encantadora, Bernardo Élis nos entrega por meio da Livraria Brasil Central Editôra, de Goiânia, “Caminhos e Descaminhos”. São dez contos que marcam um lugar definido na galeria dos mais destacados livros de narrativas curtas.

Destaca-se entre êles “Ontem, como hoje, como amanhã, como depois”, em que o autor se revela admirável estilista:

(8) Gilberto Mendonça Teles. **A Poesia em Goiás**, pág. 166.

“Lesma, cobra, bicho danado que ia deslizando, escorregando, viscoso e frio, lambendo o barranco, mordendo as areias, pastando o capim das estrêlas; ora azul como o céu, ora faiscante ao sol de fogo, já imitando o azougue nas noites em que o luar é o próprio silêncio escorrendo; fumaça que se levanta da queimada de mato virgem e se perde na lonjura do horizonte, confundindo-se com o céu embaciado de agôsto; – para onde iria o Tocantins?”

Êste conto revela ainda os costumes, tradições e a ingenuidade do tapuio do norte goiano. A seriedade com que encara o matrimônio e o espírito aventureiro, oportunista do cabo Sulivero (que irônicamente, ensinava Put-Kôe, sua jovem espôsa, índia, a fazer continência militar sempre que êle chagasse ou saísse do rancho de garimpo) são descritos singularmente pelo melhor espírito e fôrça da ficção.

“Pelo sim, pelo não” é um conto deveras inspirado, em que o narrador está presente, com dezoito anos, vivendo e narrando o mundo de sua autoria:

“... o sangue me galopava pelo corpo tal e qual u'a manada de poldros brabos em brôto nôvo de queimada”.

Bernardo Élis sempre nos assusta com expressões nuas, realistas demais, numa linguagem bastante comum, ou com páginas de grande valor literário, verdadeiras pérolas que devem figurar nas antologias do conto nacional. Aqui o jovem está perdidamente apaixonado pela sobrinha do padrinho fazendeiro, e podemos confirmar o que foi dito acima:

Hoje é vergonha dizer, mas naquele tempo, não: embora entrando já nos meus dezoito anos bem socados e nutridos, lhe conto, meu irmão, eu não conhecia mulher nenhuma na minha vida. Não é que não existisse mulher dama: bem que doutra banda do “Guampo” havia uns pares delas, onde o pessoal ia busca amor e aventuras e muito gálico, mas eu nunca fui dêsses pagodes não. É como lá diz: me casei virgem, de mulher bem entendido! Padecia, nas suportava.

Por consequinte, quando punha os olhos em riba da menina, ai, minha Nossa Senhora da Abadia do Muquêm! até a vista me turvava, o

sangue chega saltava aqui na veia artéria do pescoço e o coração aculerava que até parecia coisa que ia dar na gente um trem ruim qualquer. E apesar de todo êsse sofrimento, embora ninguém soubesse, vivia de olhos fitos na menina, namorando que nem um jacaré, sonhando com ela, cheiro de tôda flor, cheiro de tôda fruta, era cheiro dela: vulto de nuvem era vulto dela; canto triste de perdiz, pio magoado de sabiá, que são tantos em princípios de água, era canto da voz dela. Ai! era aquela dor mais gostosa que a gente podia imaginar, bambeza de vontade, corpo largado de quebradeira, um sobressalto constante no coração. Muita vez, uma bobaginha de nada fazia a lágrima brotar nos meus olhos: o canto da jaó na boquinha da noite, o ronco comprido de algum trovão ao longe”.

Nu'a manhã de domingo fôra ao ribeirão lavar-se e de tão enamorado e sonhador avoca poéticamente um misterioso corpo de mulher, talvez a sobrinha do padrinho, talvez a mãe-d'agua:

“Nisso, que volto a vista para as águas turvas do ribeirão, mesmo ali no remanso do poço cavado entre pedras, u'a mancha de sol, seria? me chamou a atenção. Mas será que era sol? Imitava antes um bicho horroroso, aranha imensa talvez de muitas pernas! Ou era limo verde das águas mansas? Ou cabeleira? Ah, isso sim: mas parecia cabeça de mulher vista de costa, cabelos muito compridos se desmanchando nas águas turvas... Mas cabeça de mulher, uai! Agora, ondulando, como labareda incerta, boleando mornamente feito uma gelatina esverdeada no fundo das águas refrangidas e refletidas em jato de luz, tacos de musgo, sobras de mato e flor, espuma e ondas, aparecia mas logo se sumia um corpo de mulher. De uma beleza que até me tomava o fôlego, de um mistério tão completo que meu coração perdeu passo e veio bater na goela, o sangue a me atropelar nas veias tal e qual uma tropa de garanhões perseguindo águas nos chapadões brotados de nôvo”...

O espírito criador, original, simples e inconfundível de Bernardo Élis está bem patente nos dois últimos contos de “Caminhos e Descaminhos”. “Uma certa porta” é um conto arrebatador, diferente, lúbrico, em que o narrador parece narrar um episódio pessoal, numa luta interna contra o cavalo brabo de seu sensualismo. Está numa pensãozinha do interior goiano, longe da espôsa e dos filhos e tem como vizinha de quarto a jovem e insinuante senhora Luci, sua velha conhecida, “cujo marido andava ausente de suas carnes comprando cereais pelas fazendas”.

Expectante pela voluptuosidade de Luci e sobressaltado com os ruídos noturnos e luxuriosos de animais, não consegue dormir e inventa cenas terríveis, descritas num realismo quase chocante. Talvez seja êste o trecho em que intervenha mais a fantasia e menos o espírito realista do autor, pelo que preferimos transcrevê-lo:

Que sentiria tal jovem senhora a tais desoras, ao ouvir tais ruídos, sabendo que perto dela dorme ou vela homem também há longos e terríveis dias longe de qualquer mulher? E a noite era uma longa noite de chuva, quente e molhada, da molhadeza quente de uma jovem bôca; e tínhamos ambos que ficar naquela cidade pasmada; ela à espera que o marido voltasse ao leito; eu, à espera de que as chuvas cessassem e que as águas voltassem ao velho leito e dessem passagem na ponte. Enquanto isso, êsse desespêro, essa luz (da candeia) que volta a vacilar e sugere intimidades femininas, a tortura dos animais que afinal já não se mordiscam nem coicinham, mas gemem e bufam em segrêdo, como se praticassem secretamente seus sagrados rituais de amor oculto e pecaminoso, na calma segurança de quem vive e morrerá amanhã, na incoseqüência fatal da chama que chamava e bruxoleava, iluminava o teto da casa, dentro do qual eu supunha meras suposições.

Bernardo Élis mantém o leitor participe com seu interêsse pela porta semi-aberta do quarto de Luci – Era ou não era fiel ao marino?

No dia anterior ao seu regresso a Goiânia tem um encontro casual com Luci, sob uma limeira enorme. É o clímax do conto aquela conversa, aberta pela jovem senhora, quando pergunta:

– Ouviu esta noite? (...)

– Ah, você também ouviu, não foi? – indaguei, fitando agora meus olhos dentro dos dela, aquêles belos e dramáticos olhos rasgados para a tarde e para os meus. Iria agora tirar a prova da intenção que animava essa jovem e fogosa fêmea. Não podia ser mera fantasia de minha imaginação. Quando firmei meus olhos dentro dos dela, senti o coração aos pulos sangue tatejar nas têmporas e uma bambeza morna pegou a tomar conta de meus nervos. Luci entregava-se inteirinha naquele olhar envolvendo-me de uma ternura mansa e tranqüila, dessa tranqüilidade que dá a firmeza de uma resolução. Mas não era só o olhar: os lábios como que empolaram e o seio tomou

de um maremoto. Pareceu-me que iria cair ao solo e tive um gesto para ampará-la. Antes, porém, de o fazer, ela se encolheu como quem sente frio, e agarrou um ramo da limeira, para responder: – Pode alguém dormir com aquilo!

Nesse ponto, retirei meus olhos dos dela e, encabulado, achando que alguém nos pudesse estar vigiando, fiz de contas que apanhava outras limas. Entretanto, percebi que ela se achegava às minhas costas e, pegando o mesmo cacho de frutas, dizia quase ao meu ouvido:

– Perdi o sono.

Foi só o que disse, mas o disse penosamente, quase soluçando. Seu hálito era de fogueira e em segrêdo ciciou: – você também se levantou, não foi? Você percebeu que eu estava acordada.

No final do conto há menor beleza de estilo e surge o pai do narrador: “Isto não foi o que eu te ensinei... Meu filho não quer saber de Luci, mas, sim dos versos de Garcia Lorca” – como um reflexo do que tenha ocorrido na sua infância e que Bernardo Élis deixa transparecer nas últimas linhas de – “Uma certa porta”.

Mas, sabemos que só haverá arte onde houver matéria viva experiência e vivência. A obra de arte exprime o que é e não o que deveria ser. Pode narrar a trajetória angustiante de um ladrão assassino, numa aula de suspense:

Em que entraram um judeu, dois baianos, alguns goianos e umas criações” - tem a maior parte de seu desenrolar nas cercanias de Goiás, velha capital, cujo meio físico e social êle retrata com muita fidelidade: – “Quase uma novela, vale, por exemplo, como sùmula admirável de todos êsses elementos, que tornam páginas dessas inesquecíveis: a angústia do ladrão assassino, tantas vêzes à beira de ser identificado no trajeto da fuga, os diamantes do judeu assassinado em vias de se perderem na impossibilidade de fazê-los valiosos sem a denúncia do crime; as manhas do delegado de polícia que não consegue, no entanto, livrar-se do cipocal de dúvidas em que o enreda o fugitivo da justiça, tudo tratado com mão de mestre do suspense, muito embora a simplicidade da trama em hora alguma enseje grandes lances imprevisíveis. (Nota de Herman Lima).

Entretanto, para sermos equânimes, não podemos olvidar que nas obras anteriores, muito acentuadamente em “Ermos e Gerais” e “O Tronco”, Bernardo Élis segue a linha comum ao regionalismo brasileiro, isto é: porta-se como o espectador fino e sutil que se delicia com as “tolices” do linguajar errado, caprichando êle o máximo na sua linguagem – como para guardar distância. Observa o pitoresco, lá da platéia, mas longe, sem querer para si mesmo alguma coisa daquele pitoresco que não deve confundir-se com seu autor-narrador.

Daí, Bernardo estropiar sem dó nem piedade os vocábulos, no falar caipira, e, a pretexto de caracterizá-lo bem nitidamente, guinda-se a valer, capricha à larga na correção sintática, no retorcido da frase, quando está com a palavra, como narrador.

Essa contínua e violenta desigualdade de nível, quebrando a unidade da composição literária, pode chocar o leitor. Também o excessivo caipirismo revelado na transcrição servil da fala matuta não parece de boa praxe, pois prende-se a um conceito fotográfico de arte, inaceitável. Admite-se que, para assinalar bem um tipo, em uma ou algumas frases se lhe reproduza a fala com tôdas as deformações; mas o abuso desta prática desperta uma incômoda sensação de antiliterariedade. É isto que analisa Aurélio Buarque de Holanda, no prefácio a “Contos Gauchescos e Lendas do Sul”, de Simões Lopes Neto.

Declarou-nos o contista goiano que ao, ter conhecimento das diretrizes que nesse trabalho traça Aurélio Buarque de Holanda, achou-as perfeitamente válidas e as acatou, a partir de então.

Assim, as inovações, o desenvolvimento artístico de Bernardo Élis em “Caminhos e Descaminhos” são marcantes. Focaliza êle novos temas, consciente de que literatura é muito mais que fundo ficcional a ser transmitido – o valor dêste depende e muito “da maneira como se deixa transmitir”, conforme escreve Gilberto Mendonça Teles. E, segundo Mariano Baquero Goyanes, citado por êle em “O Conto Brasileiro em Goiás”, “ao leitor refinado lhe interessa já menos *o que* se conta e mais *como* se conta, como se descrevem os ambientes e sêres”

Uma prova evidente desta evolução de Bernardo está no conto

“Uma certa porta” – pela reestruturação de técnica com simultaneidade de ações e pelo apuramento do estilo. Observemos:

“Entre um pulo e um coice, eriçando a crina, o cavalo corcoveia, mete a cabeça entre as patas, sacode os freios, um relincho e outro pincho, eis que vou às nuvens e a sela me foge, refoge o estribo e me estrepe e me atrepe, me agarro no vento: em baixo são pedras e patas e pedras e pontas de paus.”

A cadência melindrosa e rápida do período reproduz os lestos e frequentes movimentos do animal, e a repetição de sons semelhantes (foge – refoge, estrepe – atrepe, relincho – pincho) “intensifica e localiza dentro da ação geral as ações e os movimentos particulares; e finalmente, o jôgo verdadeiramente cinematográfico de aproximação e afastamento da imagem, conseguido literariamente pelo antigo recurso da aliteração que, entretanto, aqui se atualiza na repetição léxica e na alternância de consoantes explosivas, surdas e sonoras, logo depois dos dois pontos, numa oração de efeitos admiráveis pela dinamização não somente da imagem visual, mas também da imagem sonora das patas no chão e do movimento seguido, repetido, do galope do cavalo” (9).

Bernardo Élis não se empolga com os elogios da alta crítica nacional e, como vimos, continua estudando e aperfeiçoando suas prendas espirituais. Seu último livro de contos foi escolhido como o melhor entre os 76 concorrentes ao prêmio José Lins do Rêgo, instituído pela Livraria José Olympio Editôra (em 1964, destinado a contos), em homenagem ao grande romancista paraibano. O júri foi constituído de Herman Lima, Waldemar Cavalcante e Otto Lara Resende e a decisão foi unânime.

“Veranico de Janeiro” com elementos de atualização bem mais reduzidos que “Caminhos e Descaminhos” fôra editado 1966, pela mesma editôra que patrocinara o concurso. Contém cinco contos de uma fôrça telúrica, sujeita, entretanto, a arte do contador. A prosa nada falseia: é exata, bárbara, áspera, cheirando a terra e ao lamento

(9) Gilberto Mendonça Teles, **O Conto Brasileiro em Goiás**, 1967

daqueles que ela subjuga. Guimarães Rosa assim se manifesta a propósito do autor: “Bernardo Élis, trazendo situações novas à nossa ficção, é um valor na literatura.” (*Visão* 1-4-66).

Isto porque, agora, êle procura manter um só nível (o mais possível) entre o linguajar das personagens e o linguajar do autor-narrador. Por esta forma, recria, em parte, o ambiente com a sua fala meio caipirada.

No primeiro conto que leva o nome da obra, a natureza bruta alia-se ao homem, martirizando-lhe usurária e friamente a alma faminta. Suas páginas irradiam uma autenticidade inconfundível, uma insolência que fica à margem da civilização, um excessivo amor ao bem próprio sem atender ao dos outros e um constante humor acompanhado de fina ironia:

O agiota Capitão Benedito que, da janela, controlava a vida inteira da cidade e quiçá do município, mandava e desmandava com sua ambição sem limites. Não se compadeceu nem do mal fadado “defunto” que era conduzido de porta em porta pelo carreiro de bom coração e Liduvino.

Êste além de carapina era defunteiro, tocador de rebeca e rezador “hábil em ajudar cristão a morrer”. A meretriz que por interêsse recebe Isidoro de Jesus fica sem dinheiro e despojada do único catre-ganha-pão, visto que fôra ocupado pelo enfêrmo contumaz. A miséria e a fome invadem seu pobre rancho. Chiquinha pensa até em atirar-se no rio porque não podia fazer um vestido nôvo para a festa do Divino. E enquanto ela se preocupava com o doente que espantava a freguesia de sua jovem filha. “A arte do contador culmina (como assevera Herman Lima) ao entrechoque de tantos desesperos com o contracanto dos festejos religiosos que vem na asa do vento, em back-ground musical, e mete de choça adentro a irresistibilidade daquele convite de gaitas, zabumbas e coplas de folguedo afro-brasileiro, no seu avassalador sortilégio.”

Chiquinha recebera o “defunto” no veranico de janeiro e já havia passado a coresma e o peste não morria, era mais duro que tucano. Esta renitência do enfêrmo é narrada por Bernardo Élis de maneira chistosa e pitoresca. Suas comparações são as mais ousadas e rudes.

Finalmente, quando Liduvino voltava ao ensaio de congos, que

era sua constante preocupação, percebeu mais uma vez que Isidoro morria, mas “o rezador nem quis levantar-se, nem buscar nova vela, nem coisa nenhuma, que o tal era muito brincalhão demais e certamente era outro fingimento dêle... vou primeiro no ensaio e, adepois que voltar, se o bicho tiver amarelado os pés, ai a gente participa Dona Chiquinha”.

Conforme escreve Herman Lima em “Nota”-prefácio, “episódios como a loucura final do mísero Supriano, esfuroando a terra com os tocos dos dedos com os ossos do punho, a nu, esbrugados em raízes e pedregulhos, depois daquela tão lancinante via-sacra em busca de uma enxada, ‘uma enxada!’ que lhe facultasse o cumprimento da promessa de plantio do arroz do monstro, dão um choque, um espanto nôvo, embora narrados na mesma parcimônia de linguagem e na total ausência de sensacionalismo por parte do autor”.

N'outro conto aparece Edilberto, o vigarista, que passa a Cigana empacadora no calmo, risonho e rotineiro Vigário. Êste estava consciente da malícia daquele, mas influenciado por um artigo que lera, concordou em parte que “cuidar só da alma era muito pouco”. Precisava ainda contribuir com alguma coisa para melhorar o homem, pelo menos o homem de sua região.

A mula empacara e das onze horas da manhã ao descambar do sol aguentou cem quilos de vigário que pacientemente lia sôbre ela seu livro de orações. E aquêle foi o derradeiro empacamento de Cigana, que viveu largos anos transportando as carnes tanto mais gordas quanto mais santas de seu vigário.

Tôdas as criaturas do autor têm vida própria, vivem por si, com traços individuais e bem característicos, “desde a mais gigantesca no seu drama, como é o Supriano, tão monstruoso na sua tortura de Quasímodo rústico, até a mais humilde e anódina, ou seja, digamos, aquela Siá Rosa, comendo vento e fedendo a cavalo, sempre na esperança de uma chuva redentora da sua terra”, ainda segundo Herman Lima.

Atualmente, Bernardo Élis não estropia as palavras, escreve-as normalmente, grafando alguns vocábulos conforme o uso clássico e conservado em forma arcaica na linguagem popular ou matuta.

Exemplos: Lua, cunzinha, jinela, adonde, entãoce, povre, vossemecê, munto, sumana, adonde ponhar, ansim, ua, sancistão, etc. Porque essas palavras eram assim pronunciadas e escritas no falar quinhentista que plasmou o linguajar caipira.

Hoje êle evita o regionalismo apenas vocabular. Explora e cria o regionalismo estilístico, sintático, aproveitando o modo geral de formulação da frase no andamento do discurso. Assim:

O carreiro dava definição não muito à vontade que vinha trazendo para a cidade o velho Isidoro, morador no barreiro do meio. Não era d'hoje que êle ei-vinha sofrendo u'a fadiga, ua falta de ar, e agora a coisa empirou. Talvez ali na rua outorgassem mais recurso, pois o coitadinho vivia sozinho num rancho lá no mato, largado que nem vara de porteira quebrada.

– Carece de botar numa casa adonde cuidem dele – arrematou.

– O supra-dito-cujo tem parente na rua? – interrogou Zé Roxinho?

– Nem parente nem aderente – respondeu o carreiro, e Liduvino inteirou: – Seus parente é os dente... (V. J. pág. 8).

* * *

Bernardo espelha nossos principais **vícios de linguagem**, como:

a) **brasileirismos léxicos** (incluindo os vocábulos de tratamento: seu = senhor) e **sintáticos**.

b) **solecismos de concordância**: - Já é oito horas, será? (V. J. pág. 98).

– Pra você eu te dou tudo. (V. J. pág. 48).

– Êste ano mesmo, se Deus ajudá, nois se muda (E. G. pág. 10).

c) **cacoepias ou má emissão das consoantes – defeituosa articulação das vogais**: farso, sordado, veve, privilégio, reseste, coipo, aceica, pelegrino.

d) **pleonasmos ou redundâncias**: Edilberto rompeu pra frente (V. J. pág. 118).

Também é muito comum em seus contos o uso de:

a) “feito” em vez de “como”:

Êsse minino é *feito* muié. (E. G. pág. 41).

A folhinha de São Geraldo pregada na parede vivia de fôlhas arrepiadas *feito* uma galinha choca (C. D. pág. 146).

Jatobá não é *feito* goiabeira que morgueia, jatobá costuma quebrar de uma vezada só. (V. J. pág. 65).

b) “mais” em lugar da preposição “com” ou “e” (conjunção):

Maragã começô a morá *mais* o irmão e foi a mãe pegô a censurá essa falta de preceito (E. G. pág. 37).

Moisés *mais* o Angelino, uma vez, vinham a Goiás (velha Capital) aonde foram levar carga (E. G. pág. 23).

– Vem trabalhar *mais* eu, Piano (V. J. pág. 49).

c) “meio” (advérbio) flexionado para o feminino – como adjetivo:

Com perdão da pergunta, mas será que mecê não tem por lá alguma enxada assim *meia* velha pra ceder para a gente? (V. J. pág. 53).

Um ou outro boi cambaleante de magro vinha roer a grama *meia* verde dos lugares úmidos (idem, pág. 90).

d) adjetivos e substantivos entre os advérbios de intensidade muito... demais”, dando-se-lhes uma significação superlativa:

O rezador nem quis levantar-se, nem buscar nova vela, nem coisa nenhuma, que o tal (defunto) era *muito* brincalhão *demais* e certamente era outro fingimento dêle (V. J. pág. 44), – Pra mim, é feitiço, minha irmã. Foi mandraca desse tal de Modesto, que é um homem *muito* rancoroso *demais* (C. D. pág. 158).

A gente num deve nunca de estorvar o gôsto de um morrente, que faz *muito* mal *demais* (V. J. pág. 9),

e) advérbios e locuções adverbiais no diminutivo: de diinha, assinzinho, indagorinha, de toadinha, etc.

f) pronomes do caso reto (3ª pessoa) em função objetiva direta, como fazemos em nossa linguagem coloquial:

Toquei *ê*le pra fora (E. G. pág. 43).

O homem assuntou direito e viu que era um diamante; butelo de diamante. Vendeu *ê*le por um dinheirão medonho (C. D. pág. 131).

... e êle não negava a dívida, só não podia pagar *ela* no sufragante (V. J. pág. 16).

g) pronomes átonos iniciando períodos (próclise, quando a ênclise seria obrigatória):

– *Me* disseram que a senhora estava ganhando dinheiro tôda vida para cuidar do enfêrmo, uai! (V. J. pág. 28).

h) sintaxes próprias, como a flexão inadequada, em número ou gênero, dos adjetivos em função predicativa. Exemplificando:

Seus parente é os dente (V. J. pág. 8).

... ferramenta em tal tempo é coisa vasqueiro (idem, pág. 53).

i) dupla e tríplice negação verbal:

– eu *num* dou de jeito *nenhun* (V. J. pág. 48).

Ninguém nunca não vira essa gente? (idem, pág. 79).

j) arcaísmos determinados por:

1) eufemismo ou degradação de sentido:

Forma antiga

Significação atual

feder

cheirar mal

safado

gasto pelo uso

2) nasalação freqüente (ansim, sancristão, cunzinha, vancês) e formas bem próximas ao latim vulgar (lua, ua).

3) troca de fonemas:

o por i (dicumento, pissuia)

o por u (sumana, açulerava)

a por i (jinela)

v por b (bassoura, bamo = vamos)

b por v (povre = pobre)

l por n (alimal = animal)

Há, ainda, alterações nas palavras ocasionadas pela junção de outros fonemas:

1 - no início do vocábulo (prótese): arreparar, alembrar, evem, zolho, enconvidou, adesculpe, arreceber, arreunir, assucedeu, empiorou, etc.

2 - no interior do vocábulo (epêntese): irimão, causo, uruvaiado (= orvalhado), terem, escuitou, latrinha (latinha).

3 - no fim do vocábulo (paragoge): tale (tal), especiale, Samuele, seio (= sei, verbo).

Mas, às vezes, as modificações são caracterizadas pela subtração ou diminuição de fonemas dos vocábulos:

1 - queda do fonema no início do vocábulo (aférese): (o) jeriza, (hor) ror, (ar) ranjou, (ar) rombo, (es) pera ai, (v) ocê, (es) tá, (a) garrou, (Je) Sus Cristo.

2 - queda do fonema no interior do vocábulo (síncope): negoço, famia, Olaia (= Eulália), Ogêno (= Eugênio – com deformação inicial).

3 - queda do fonema no fim de um vocábulo (apócope): comê, bestage, home, tiquim, mei (= meio), dinheirim, onte.

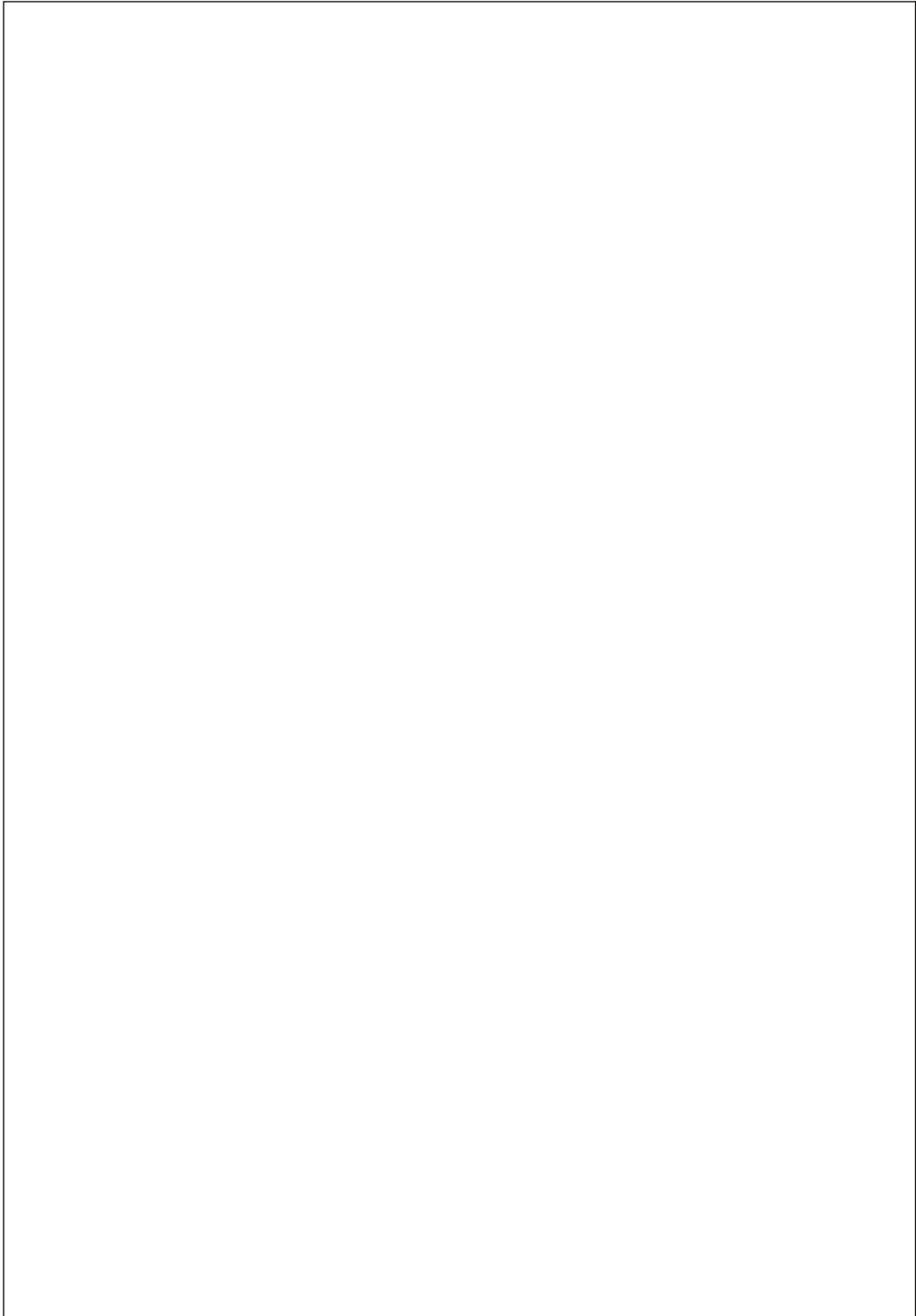
4 - supressão do *om* final da preposição *com*, quando seguida de artigo (eclípsis): Num carece se incomodá *ca* gente não. (E. G. pág. 44)

Verifica-se, ainda, nas narrativas de Bernardo Élis a transposição de fonemas:

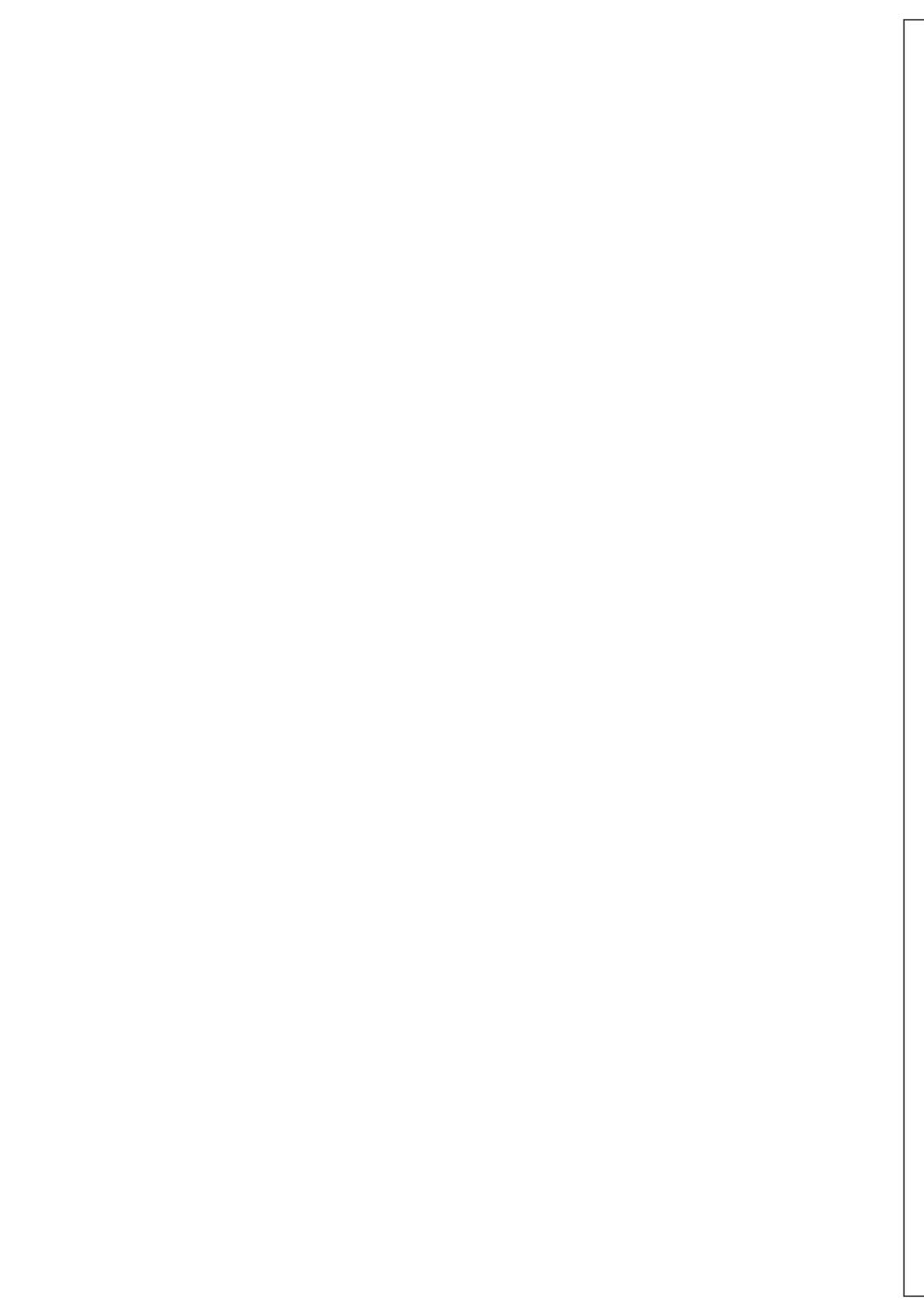
1 - na mesma sílaba (metátese): percisando.

2 - entre sílabas (hipértese): sastifeito.

Quem lê Bernardo Élis, seguindo a ordem cronológica de suas publicações, percebe, facilmente, ao chegar em “Caminhos e Descaminhos” e “Veranico de Janeiro”, a mudança profunda de técnica na estruturação da narrativa: além de criar o regionalismo estilístico e sintático, assemelhar tanto quanto possível a fala das personagens com a do autor/narrador, sem retratar servilmente a fala caipira, – procura também substituir a prolixidade de seus contos pela concisão.



VOCÁBULOS E EXPRESSÕES
QUE MARCAM SEUS CONTOS



Muitas palavras e expressões caracterizam os contos de Bernardo Élis pela frequência ou repetição constante, pela singularidade ou por serem típicamente matutas e regionais. Dentre muitas, destacaremos:

aflissirada = aflita
amainou = abrandou, acalmou, afrouxou
a mó que = (geralmente com valor exclamativo ou interrogativo)
= a modo que, será que: “*a mó que* nunca viu sordado!” (E. G. pág. 123).

“– *A mó que* foi Seu Carrinho? – pergunta jeitosamente o roceiro” (V. J. pág. 116).

amoitou = escondeu
aprochegava = apro (ximava) + chegava
arrepicar caminho = voltar, regressar
(as) sungou = levantou, ergueu
assuntou = observou, notou
a valença = a salvação (ainda bem)! “*A valença* que a porteira era nova e nunca ninguém não tinha visto visagem alguma”. (V. J. pág. 54).

babau = acabou-se
baita = enorme, imenso
bamburral = lugar alagadiço que tem pastagens
banzando = espantando, surpreendendo
banzé = desordem, chinfrim, festa ruidosa
bastava um isso = bastava um nada
bóia = refeição
braboso = brabo, bravo
cara fuxicada, cara chupada = semblante envelhecido, desatraente

carecer de = precisar, necessitar de:
– pois é, ando perrengado e *careço de* deixar a cidade, morar fora algum tempo (C. D. pág. 146).

com pouco = logo, em breve: “*Môça nova e bonitinha* que pegava a buscar água no Taguari, ou lavar roupa por perto, era *môça falada* e *com pouco* aparecia

- bojuda” (V. J. pág. 143).
- concertaram = combinaram, deliberaram, ajustaram: “Vai que Luiz se apaixona senvergonhadamente pela moça e pede ao pai para casar com ela. Seu Carlos, homem duro, não consente e ambos *concertaram* de fugir” (E. G. pág. 158).
- contou um porém = contou uma história mentirosa, uma desculpa: “Ramiro largou a faca, *contou um porém*, mas Benício tocou-o sumariamente pra fora de casa.” (E. G. pág. 140).
- coresma = quaresma
- cuidar = cogitar, pensar: “Eu *cuidei* que você ia fugi mais êle. (E. G. pág. 143).
- culada = pancada com a nádega
- de-comer = alimento, comida
- da moda, do tipo = à semelhança
- de a pé = a pé, caminhando; diferente de *de pé* = em pé
- derreou = inclinou, curvou/cansou
- desobriga = cumprimento de deveres e obrigações (religiosas)
- de toada, de toadinha = seguidamente, na mesma velocidade: “E Supriano fazia o pelo-sinal duas vêzes *de toada*”. (V. J. pág. 55).
- deu pancas = deu trabalho, foi difícil
- deu por fé = notou, percebeu
- dos trezentos = muito grande, exagerado: “Zafá trancava-se na oficina, numa nervosia *dos trezentos*” (C. D. pág. 152).
“Foi um berreiro *dos trezentos* no tempo” (E. C. pág. 95).
- ensebado = sujo, gorduroso
- espondongava = desbaratava, destruía
- espapaçado = sem sabor, desengraçado
- estava muito bão dêle = estava despreocupado, inocente.
- estrangular = sufocar, esganar
- estúrdia = extravagância/extravagante
- esturricando = torrando, queimando
- e vai... = e então...: “Lavava uns panos no córrego *e vai*

um homem sai de dentro do mato”. (E. G. pág. 32)

famanaz	= famoso
fatiota	= vestuário, fato
fuzuê	= banzê, desordem
graça	= o nome de uma pessoa
gumito	= vômito, gômito
havera	= (houvera arcaico) = havia: “procurou o vigário, mas êle não <i>havera</i> retornado ainda”. (V. J. pág. 58).
indaca	= manha, trêta, estratagemas, ardil
intimação	= ostentação, suntuosidade: “As (fogueiras) restantes eram de santos de negro e de pobres e não pediam ter a imponência, a <i>intimação</i> das outras...” (V. J. pág. 77).
inzona	= preguiça, lentidão, falta de diligência ou de pressa/conversa fiada
maciota	= moleza, qualidade daquilo que é macio, sem energia.
malinando	= pensando mal, suspeitando. “Bem que a mulher tinha direito de ficar <i>malinando</i> . Não estaria Piano gastando dinheiro na rua com as “tias” que por lá existiam cada qual mais bonita e sem-vergonha?” (V. C. pág. 53).
maneiroso	= cortês, delicado
mesmo	= exatamente, precisamente: “Vieram dar mesmo ali no ranchinho do prêto”. (E. G. pág. 158)
mode (a modo de)	= para, por causa: “O freguês inzonava, reparando tudo, molhando o dedo no guspe e passando nos objetos, <i>mode</i> ver se não desbota...” (V. G. pág. 91). (Piano) “teve muito mêdo, <i>mode</i> a cara de um dos soldados” (idem, pág. 74).
morrinha	= mau cheiro proveniente de pessoa ou animal/ligeira enfermidade
muito mais melhor	= muito melhor
mundices	= imundícies, falta de asseio, impurezas, insetos imundos

não disse arroz	= ficou calado, caladíssimo
negacear	= enganar, engodar
nesse entretanto	= nesse espaço (intermediário) de tempo
no diário	= diariamente
no pique	= no ponto “– Seu Joaquim num vê que eu estou lá com a roça <i>no pique</i> de planta e não tem enxada” (V. J. pág. 48).
no trivial	= trivialmente, comumente, habitualmente.
nhaca	= cheiro forte, odor acre emanado do corpo
obra de (duas braças, cinco anos)	= falta de deligência ou de pressa/lentamente
paleio	= entretenimento: “Se não houvesse aquêlê chuvisqueiro de <i>paleio</i> por certo que o sol já devia de estar bem um palmo arriba do cerrado” (V. J. pág. 73).
pançudim	= menino barrigudo e mal cuidado
parecença	= aparência, semelhança
parpras	= pálpebras
pasmada	= inexpressiva, espantada
pasmaceira	= marasmo, apatia profunda, estagnação
pegou	= começou: “Monsenhor tirou do alforge da sela o brevíário, abriu-o e <i>pegou</i> a ler” (V. J. pág. 129).
perrengue, perrengado	= doente, adoentado
pinchar	= impelir fazendo dar salto, empurrar, jogar: “... e não tinham hora de sono para <i>pinchar</i> no mato” (V. J. pág. 43).
pongó	= idiota, bôbo
por derradeiro	= últimamente, finalmente
porqueira	= porcaria, imundície, coisa ou pessoa de pouco valor
por via	= por causa: “Não tinha muita saúde por via do papo, mas era bom de serviço” (V. J. pág. 50).
praticar	= conversar: “Neca veio <i>praticar</i> com o par de mendigos” (V. J. pág. 80). “O alimal está aí, na porta... Quem sabe o senhor quer dar uma espiada? <i>praticando</i> num tom de interrogação muito

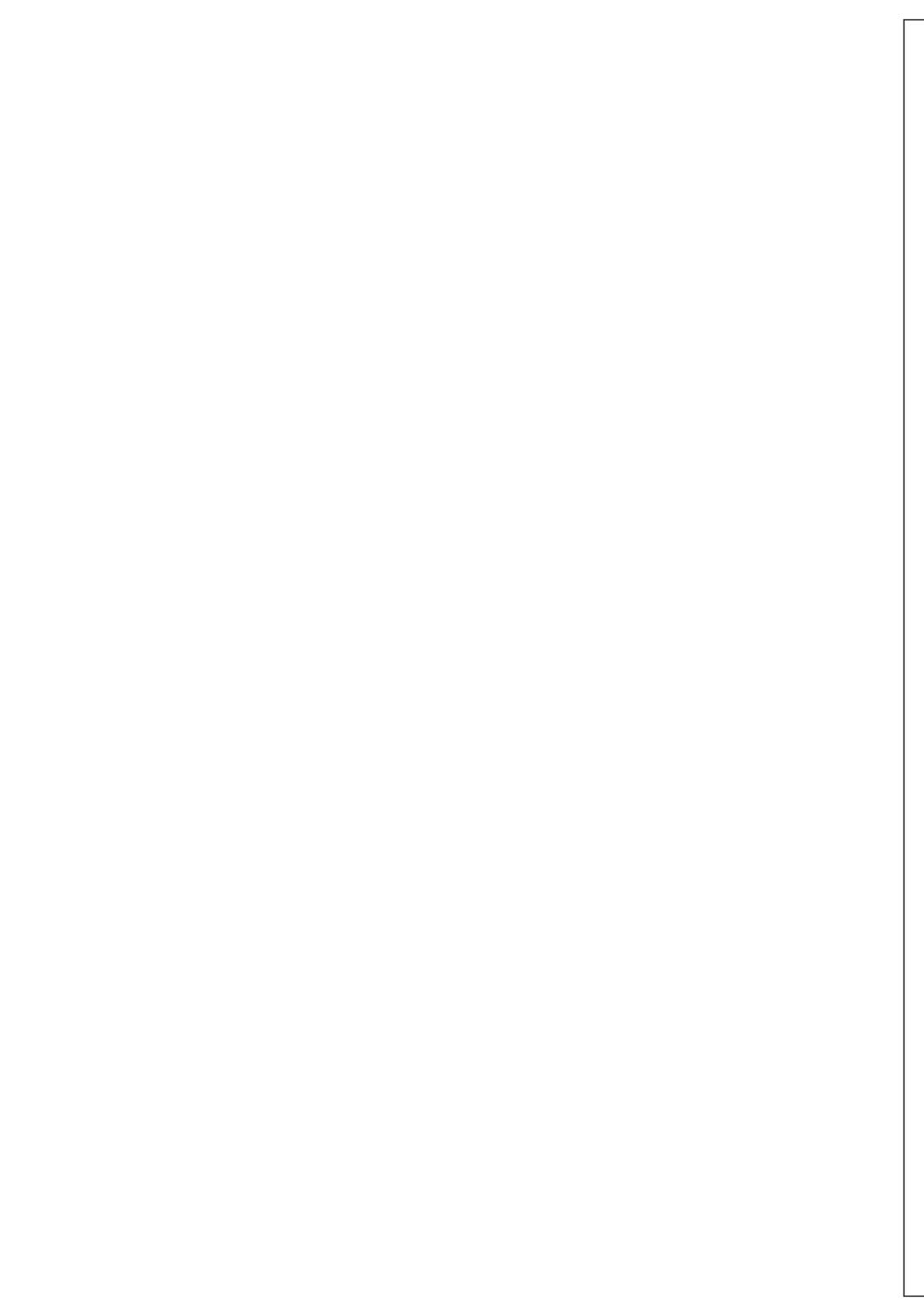
- discreto, Edilberto já se ergueu e foi saindo para a porta da rua” (idem pág. 119).
- precata = alpargata
- por riba = por cima, sobre
- prosa = conversa, lábria
- qüiproquó = (quid pro + quo) = engano que consiste em se tomar uma coisa por outra, confusão.
- quizília (quezília) = arrelia, aborrecimento/antipatia, repugnância/embirração: “Damas aguentava Jeromão porque já era um caco de gente, suportando ponta-pés, xingatório e humilhações do patrão, a trôco do quartilho (meio litro) de pinga semanal.
– Não adianta ficar com *quizília*, - dizia êle. – O que tem de ser, tem muita fôrça” (C. D. pág. 83).
“– Mais velhaco do que turco? – perguntou o Bento comprador de arroz, que tinha uma velha *quizília* com um turco-sírio de Anápolis” (V. J. pág. 108).
- reinar = pensar, conjecturar: “Num matei, num roubei, num buli com muié dos outros, gente. O que eu quero é uma enxada pra mode trabalhar. E num quero de graça não. Agora não posso pagar, mas a safra taí mesmo e eu pago com juro!”
Arrancou-o dêsse reinar uma topada desgraçada numa pedra cristal” (V. J. pág. 64).
- representar = tornar presente, patentear, trazer à lembrança, imaginar: “Berros de rezes brotavam de dentro do breu, e o cheiro de mijo e de gado chegava até as narinhas de Piano, fazendo ele *representar* copos de leite espumoso e quente”. (V. J. pág. 69).
- respostar = responder, retorquir
- riu com o beicho de cima (riu amarelo) = riu sem graça
- rompante = movimento colérico e impetuoso/que se cipita com furor/arrogância
- rua = comércio, cidade: “O supra-dito-cujo tem parente na rua?” (V. J. pág. 8).

sabão do reino	= sabonete
sacolejar	= agitar muitas vezes, vascolear, sacudir
safadeza	= desfaçatez, descaramento, impudência
safado (gasto pelo uso, apagado)	= desavergonhado, homem vil, desprezível
salvou	= saudou, cumprimentou
sentar	= bater: “(Raimundo) deixava que o sujeito cansasse de <i>sentar</i> os nós dos dedos na madeira dura e croquenta da porta e se fôsse embora”. (V. J. pág. 84).
simpleza	= simplicidade, ingenuidade parva
surdoso	= pouco sonoro, com voz surda
sujeito dòzento	= comiserador
tacar	= jogar, pinchar: “Supriano <i>tacou</i> um punhado de feijão num burado da parece do rancho”. (V. J. pág. 54).
tafulhar	= entrar, embrenhar, internar-se/encher muito, amontoar
tenência	= vigor, firmeza (moral), hábito
tinioso	= o diabo
topar	= encontrar (-se), dar com o pé, ir bater contra, cair ou bater de chofre
trabucar	= trabalhar muito para viver, labutar, agitar; “E mais para dar na vista da menina do que mesmo para servir, vivia eu <i>trabucando</i> pelos campos, dando duro no curral...” (C. D. pág. 74).
trem	= coisa, qualquer objeto concreto ou abstrato, pessoa ou coisa de pouco valor
tranco	= salto largo das cavalgaduras, solavanco, abalo
tufos	= porção de plantas ou de flôres ou de penas, etc., muito aproximadas/bolhão de água que rebenta
xirimbabo	= qualquer animal doméstico, inseto

Ainda muitas outras expressões são notas constantes, como: apontou com o beijo de baixo, analfabeto (sentido figurado) ao depois (=depois), arriba (=acima), banda (=lado), brancacento, branco leitoso, cadáver, cadavérico (sentido figurado), coisa-ruim

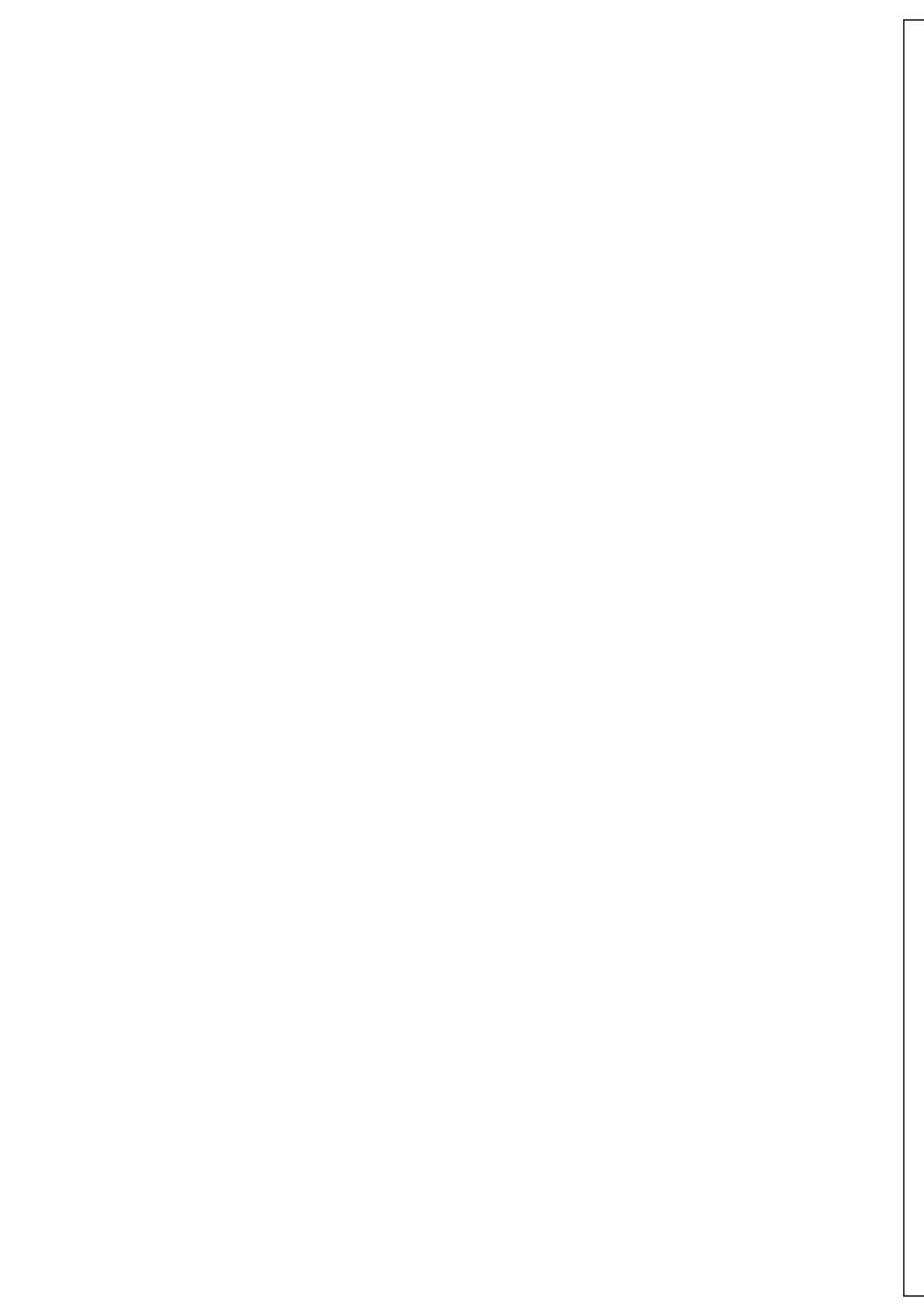
(=diabo, o sujo), crepúsculo; cusparada (= gusparada), cutucando, espetando (o silêncio, a solidão), danado, de mesmo (= de verdade), de jeito nenhum, de supetão), de uma vezada só, devia *de* ter, devia *de* estar (com preposição), é baixo (sentido nativo), em antes (=antes), em desde (= desde), entrega pra Deus que é pai, fedendo, essa dó (compaixão), - em vez de êsse dó, fedorento (=mal cheiroso), franciscano, fumarento, garrava a pensar, gemia, guinchos, hai (= há), largou (=deixou, abandonou), lascívia, luxúria, malemal, (mal-e-mal), morno, mornamente, nesse mundão de meu Deus, nada dessa vida, nunca dos nunca, quieteza, sem um isso, seja (= seja - subjuntivo), tiquinho, uai, volúpia, viscoso.

Na ausência de maior bibliografia para realizarmos este trabalho acadêmico sôbre o maior contista regional, em Goiás, recorreremos diretamente às fontes: ao autor, entrevistando-o várias vezes e recebendo muitas informações úteis; aos homens do campo e dos vilarejos, observando-os e pedindo-lhes esclarecimentos acêrca de alguns têrmos usados por Bernardo, os quais desconhecíamos.



PENSAMENTOS E AFORISMOS

QUE SEUS CONTOS ENCERRAM



1 - Em **Ermos e Gerais**, 2ª edição, 1959:

Estrangeiro não é amigo de ninguém (pág. 55).

Religião é um mal. Trovão, de primeiro, era Deus, hoje é eletricidade (pág. 57).

Xingatório, para ser xingatório de mesmo, deve ser bem errado (pág. 57).

Êsse negócio de advogado pedir a jurados que soltem seus constituintes é coisa tão comum, que muitos o acham legítimo (pág. 63).

Quem pariu Mateu que o balance (pág. 70).

A caridade tem sido um mal, sustentando batalhões de inválidos, de infelizes (pág. 85).

A palavra, como a luz, inspira confiança, vida, ampara o fraco raciocínio humano (pág. 155).

O trabalho deixa um sinete sinistro no aspecto humano (pág. 164).

O juramento é uma espécie de auto-sugestão. Só juram os que não têm convicção bastante para cumprir o prometido (pág. 172).

O melhor que se pode fazer aos mortos é esquecê-los (pág. 184).

O silêncio é um grande consôlo – talvez o único (pág. 185).

A bôca e os ouvidos se fecham para o exterior, a fim de se escancararem mais para as vozes de dentro da gente mesmo (págs. 189-190).

Na mulher a arte é bastante para redimir a prostituta; e por isso é a única forma digna de prostituição (pág. 191).

Passado – êsse cadáver que se a gente não enterrar fica fedendo no quarto de pensão que é a vida. Para muitos, porém, a saudade é o cadáver de uma orquídea bárbara, boiando num lago de esquecimento. Cadáver que perfuma, apesar de cadáver (pág. 206).

Tôda mulher bonita adivinha a sorte de um homem (pág. 207).

Honra—situada num lugar um tanto degradante para sentimento tão nobre (pág. 221).

O amor é sagrado, é eterno. Precisa ser respeitado (pág. 229).

Matar em si a besta feroz – a libido, manter-se puro é fortalecer a porta mais fraca para a perdição da alma (pág. 250).

2 - Em **Caminhos e Descaminhos**, 1965:

Cristal não se acha como carrapato (pág. 24).

Primeiro de ano é trágico para quem ainda não teve coragem de começar a viver. Representa mais um passo para o nada, para a extinção absoluta (pág. 35).

Antes de ter dó, o indivíduo deve de saber se essa dó é a favor ou contra os coronéis dos lugares. Isso evitaria muitos aborrecimentos (pág. 59).

Menina fêmea – essas daí não podem aprender a ler de jeito nenhum dessa vida. É só pra mode tá escreveno biêtim pa os namorado a xujá um bom nome de famia... (pág. 84).

Gente desconhecida é sempre perigoso (pág. 126).

Onde já se viu baiano que não seja orador ou garimpeiro! (pág. 128)

Diamante é que nem mulher. Pra quem não liga prêle, diamante tem agarramento; quem veve doido atrás do malvado, diamante não dá nem satisfa (pág. 131).

3 - Em **Veranico de Janeiro**, 1966:

A gente num deve nunca de estorvar o gôsto de um morrente, que faz muito mal demais (pág. 9).

Às vêzes, por falta de um grito, vai-se embora uma boiada (pág. 19).

Hospe e peixe três dia fede... (pág. 28).

É muito custoso gente acabar (morrer) em quadra de santo forte como Divino Espírito Santo, Semana Santa e outras que tais (pág. 44).

O que não tem remédio já nasce remediado (pág. 59).

Brincadeira com homem fede a defunto (pág. 62).

Soldado tinha parte com o Sujo, era uma nação de gente que metia mêdo pela ruindade, dava sintoma assim de urubu farejando carniça (págs. 37 e 74).

Cavalo velho num reseste eguada nova (pág. 76).

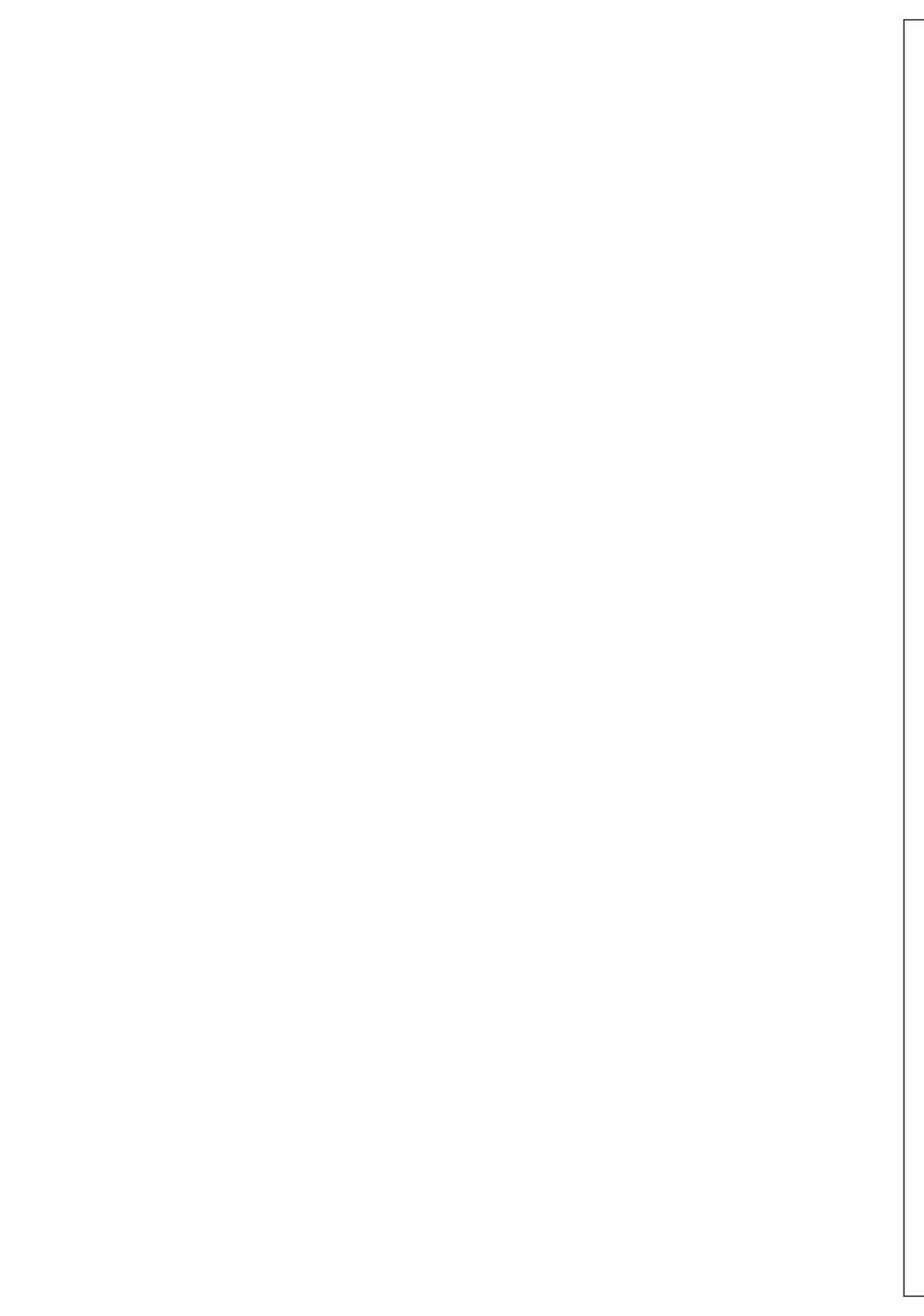
Cozinheira, quanto melhor, mais gastadeira (pág. 86).

Remenda teu pano que durará um ano; remenda outra vez que durará um mês; torna a remendar que ainda há de durar (pág. 91).

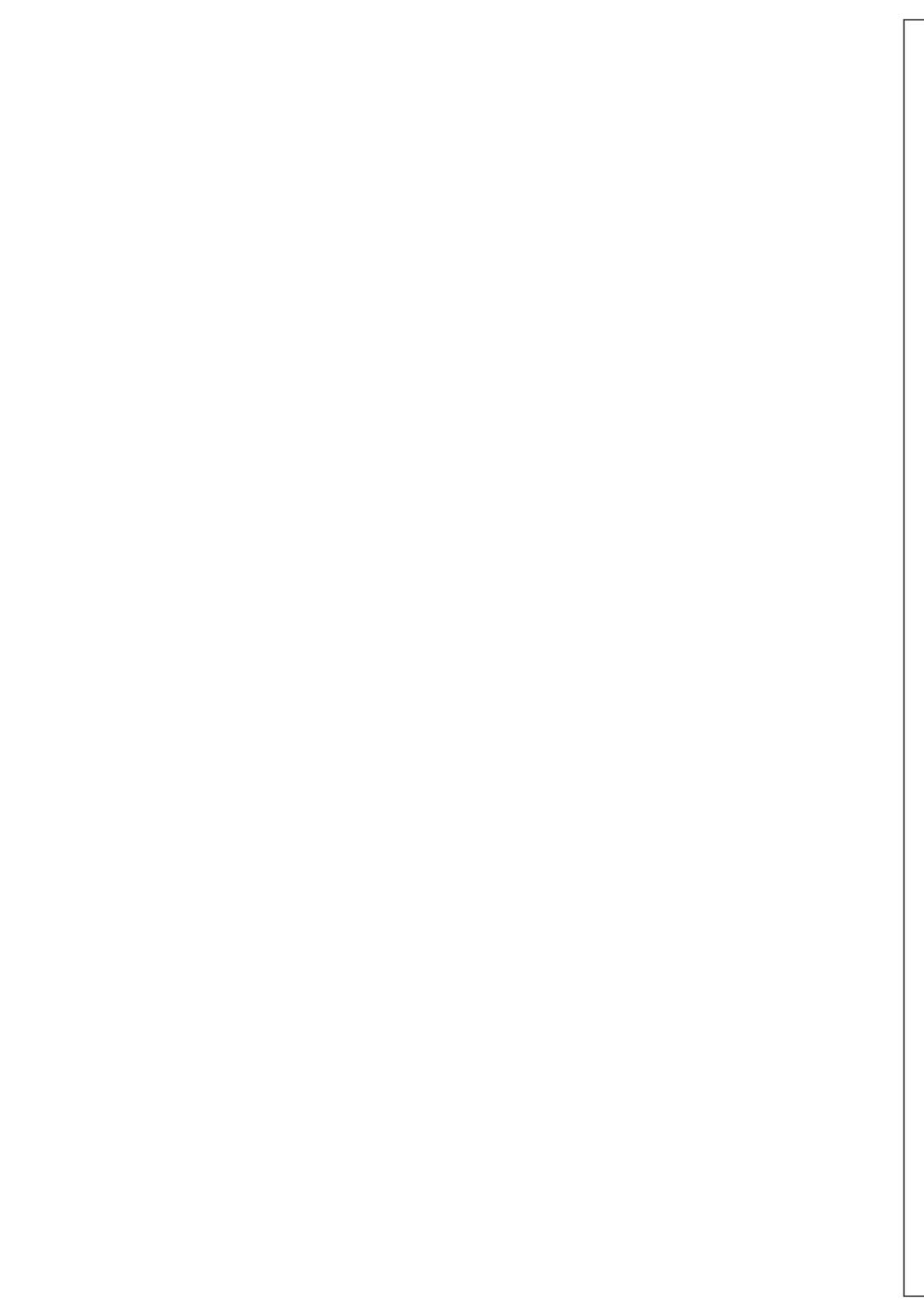
Todo trabalho do lavrador é sugado impiedosamente pelos comerciantes das cidades (pág. 105).

Ciganos são a nação de povo mais velhaca do mundo. Perto de cigano, sírio é pinto (pág. 108).

Cuidar só da alma é muito pouco. A um faminto não se pode exigir virtudes (pág. 127).



CONCLUSÃO



Goiás é um Estado jovem que nasceu com a mineração do século XVIII. Passado o surto aurífero entrou em decadência, ficando apenas pequenos blocos de cruzamentos étnicos numa tentativa louca de soerguimento, devido a vários fatores: isolamento geográfico, falta de recursos para explorar atividades rendosas, agricultura deficiente e raras manifestações industriais.

É evidente que essa debilidade econômica impediu a organização de uma sociedade capaz de perceber os valores da cultura. Daí a escassez literária nos dois primeiros séculos da história goiana, produzindo trabalhos superados e desarticulados sem nenhuma repercussão nacional. Mesmo neste século poetas e prosadores goianos desconheciam as formas de uma literatura inclinada para a nossa realidade imediata, talvez os fortes preconceitos que plasmavam a sociedade vilaboense “impediram que a literatura definisse a vida provinciana em seus aspectos fundamentais” (10).

Com isso não estamos negando nossa literatura; ela acompanha a evolução gradativa de nosso Estado, situado no seu tempo, no seu isolamento e na sua relatividade com o Brasil que sempre seguiu, atrasadamente, as experiências literárias do velho mundo.

Todos sabemos que a ficção teve início, realmente, no Brasil, com a introdução do romance indianista de José de Alencar e, depois, de Bernardo Guimarães, apesar das experiências precedentes dos poetas Santa Rita Durão, Basílio da Gama e Gonçalves Dias.

Depois do indianismo surge o sertanismo que embora não correspondesse à realidade, evoluiria com o tempo para retratar mais tarde o atrasado Brasil do sertão – nascendo, assim, o regionalismo.

Goiás passou a expressar-se literariamente, desde que se voltou para a cultura, por meio de uma “ficção fortemente ligada à terra” e ao seu rude meio ambiente. Assim, “Tropas e Boiadas”, publicação de

(10) Modesto Gomes, Sentido do Regionalismo Goiano, artigo na **Revista da Universidade Federal de Goiás**, nº 2. Goiânia, 1966.

Hugo de Carvalho Ramos em 1917, foi o marco decisivo na literatura de nosso Estado, pelo seu realismo na observação dos costumes e da natureza goiana e ainda pelo próprio vocabulário com influência do meio.

O ambiente cultural de Goiás está, atualmente, em pleno desenvolvimento e seu regionalismo reestrutura métodos e técnicas - desde Hugo de Carvalho Ramos, passando por Bernardo Élis, Eli Brasiliense, Léo Godoy Otero, Basileu Toledo França, Bariani Ortêncio, até Carmo Bernardes.

Bernardo Élis ocupa, cronologicamente, o segundo lugar na história do regionalismo goiano. Também como Carvalho Ramos faz ficção e estudos sociais.

Partindo do princípio de que toda obra literária cresce em qualidade, na razão direta de sua universalidade, Bernardo, à semelhança de Guimarães Rosa, agiganta-se no regionalismo que – nada mais sendo que um patrimônio reduzido do sertanismo e êste do nacionalismo literário – possivelmente lança-lo-á no universalismo. Isso não proíbe a limitação de seus assuntos, como assevera Tristão de Athayde a seu respeito: “Nada mais regional do que a guerra de Tróia. Nada de mais universal que a Ilíada. Ninguém mais provinciano de que Dante. Nenhuma obra mais total do que a Divina Comédia”. Os contos dêsse escriba da área sertaneja, com seu humor negro, têm um sentido universal pelo seu conteúdo humano e patético, pelo colorido próprio e veraz que dá aos dramas que afetam a existência da sociedade e do indivíduo.

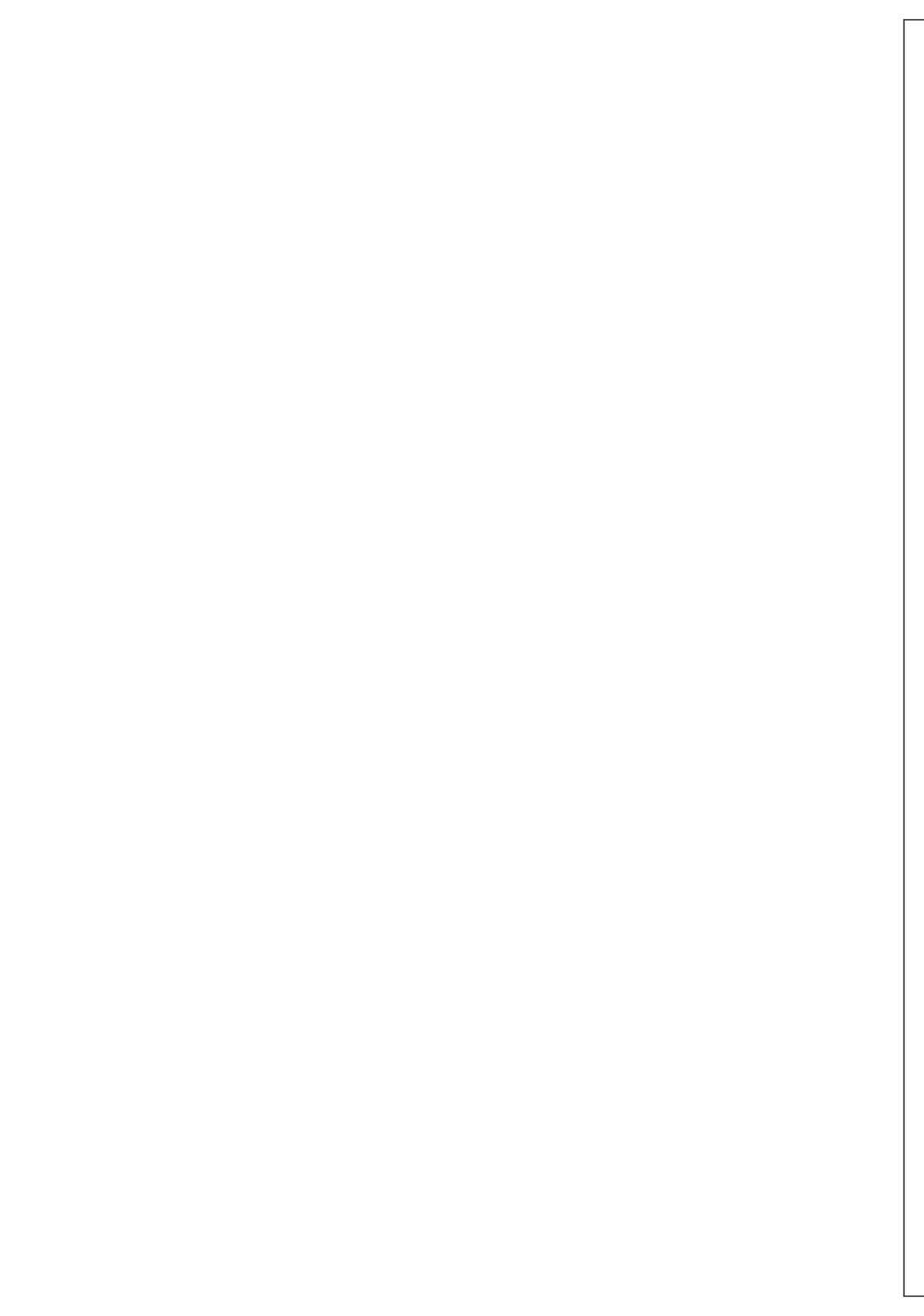
Em virtude da sutileza de sua acentuada oralidade estilística dever-se-ia estudá-lo carinhosamente e sob uma análise lingüística científica. Bernardo Élis funde maravilhosamente o linguajar erudito com o linguajar comum, do povo, segurando a idéia fundamental, sem partidatismo, apresentando também ao público leitor a degradação moral dos poderosos que calcam os pés nos que se humilham por temor ou respeito.

Contrariamente a Afonso Arinos e Carvalho Ramos, não se

impressiona muito com a paisagem. Sua arte irradia vitalidade. É o reflexo da vida social, do meio agreste - “não desce da eternidade para a terra; pelo contrário, sobe da terra para a eternidade”. (11)

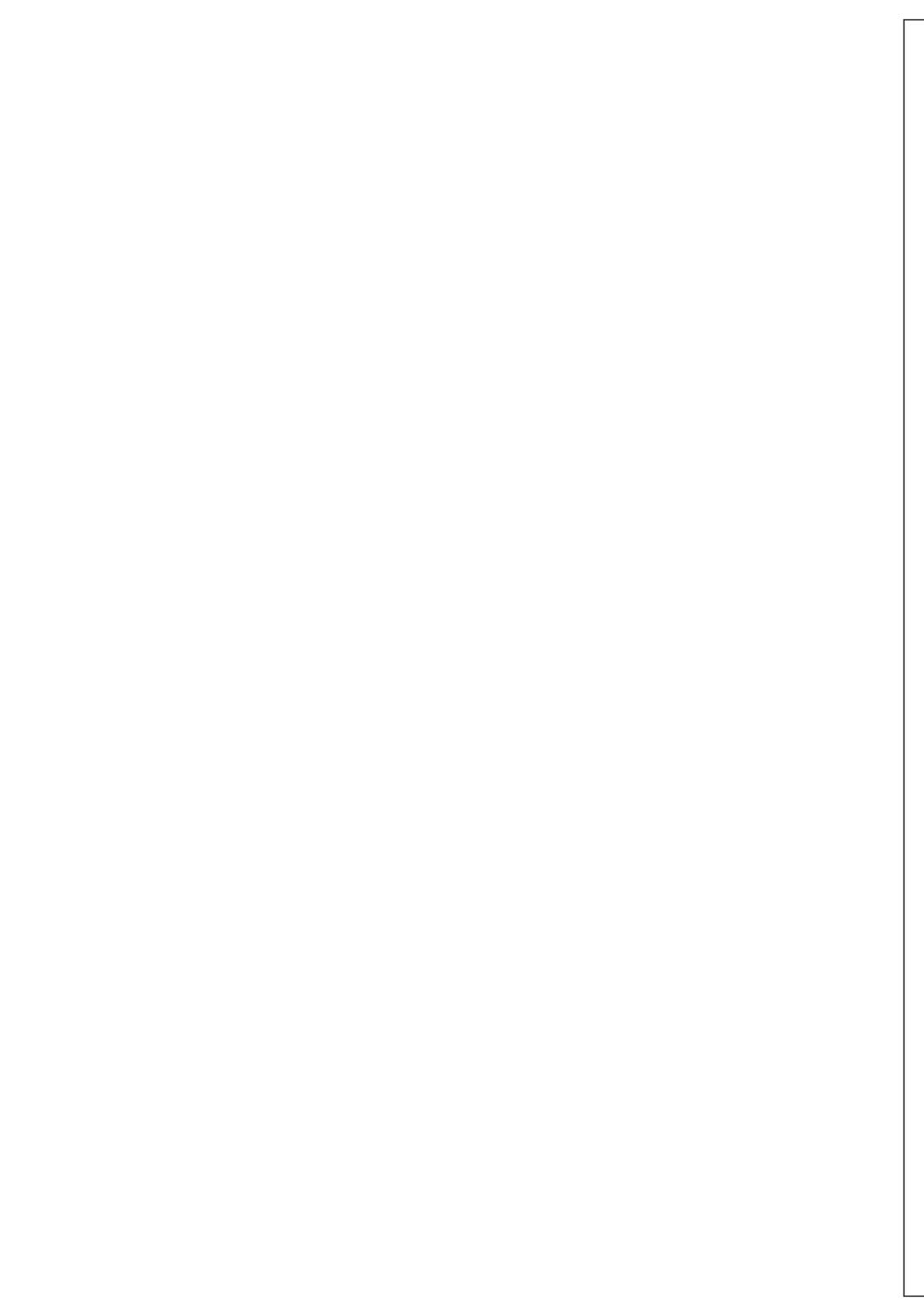
Êsse contista goiano, de Corumbá, identificou-se, desde criança, com língua de seu povo, sentindo bem de perto as dificuldades dos pobres e injustiçados, para mais tarde apresentar em literatura a realidade social desumana, por meio de uma expressão lingüística muito humana, de nossa gente, fundindo-se, então, autenticidade social com uma ideação bela e singularmente lingüística.

(11) Adolfo Casais Monteiro, **Clareza e Mistério da Crítica**, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961, pág. 18.



DADOS AUTOBIOGRÁFICOS
DO AUTOR

(Para a Livraria José Olympio Editora, em
Veranico de Janeiro)
Goiânia, out. 1965



Nome completo: - Bernardo Élis Fleury de Campos Curado.

Nome com que assina os trabalhos: - Bernardo Élis.

Pseudônimo: - Não tem.

Local de nascimento: - Corumbá, hoje Corumbá de Goiás.

Data de nascimento: - 15 de novembro de 1915.

Filiação: Eurico José Curado e Marieta Fleury de Campos Curado.

Eurico era comerciante e sua firma comercial era Eurico José Curado (E. J. C.), para não confundir com a do irmão também comerciante na mesma praça - Eusébio Curado (E. C.); mas Eurico Curado era sobretudo poeta e como tal assinava-se Eurico Curado, fazendo questão sempre de frisar que seu nome era paroxítono e não proparoxítono, como geralmente pronunciavam no Brasil.

Marieta era apenas dona de casa, mas gostava de costuras e bordados, dedicando parte de seu tempo a costurar de ganho para as principais pessoas da cidade, na maioria parentes.

Eurico Curado morreu em 1961, em Goiânia. Deixou dois livros de poesias publicados. Marieta ainda é viva. Mora em Brasília e é mulher de gênio alegre, extremamente sensível, - de grande agudeza humana.

Os Fleurys - Curados são uma velha família da classe média urbana: ou são comerciantes, ou são funcionários públicos, dando preferência ao derradeiro. Entraram em Goiás com Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhangüera, pois descendem de Inácio Dias Pais, sargento-mor, casado com Joana de Gusmão, segunda filha do Anhangüera. Fleury-Curado é em geral pobre, mas se é fazendeiro aí é miserável.

É uma gente sedentária por excelência. O pai de Eurico Curado nasceu em Corumbá, onde também viveu seu avô; a mãe dele, Eurico, nasceu em Pirenópolis (então Meia-Ponte) e era parenta do marido.

Embora houvesse viajado por todo o Brasil na juventude (fôra

comprador de borracha pelo Xingu e Amazonas), depois de casado Eurico se fixou em Corumbá, na Rua Nova, também chamada Rua das Cancelas e depois Largo do Doutor Alfredo e hoje Praça Sete de Setembro. Aí morou, na mesma casa, com comércio, de 1914 a 1950, quando se mudou para Goiânia. Durante esses trinta e seis anos, fêz algumas viagens: foi a Goiás (capital), onde morava seu sogro e primo, umas quatro ou cinco vêzes.

Corumbá (hoje cidade) é uma mina de ouro explorada a partir de 1750, entre Pirenópolis e Luziânia, nas nascentes do Rio Corumbá, no sopé dos Pireneus.

Eu nasci em Corumbá e ali fiquei até 1923, quando fui com a família para Goiás, passear; era desejo de meu pai que meu irmão mais velho aí ficasse para estudar as primeiras letras e assim, quando foi para meu pai retornar a Corumbá mandou buscar cavalos que bastassem para tôdas as pessoas menos uma. Essa uma faltante seria meu irmão mais velho. Acontece, porém que o bichinho era resoluto, chorou, brigou e não quis ficar. Como solução, fiquei eu, que era mais cordato.

Fiz um ano de grupo escolar e regressei a Corumbá em meados de 1924, com tempo bastante para assistir às marchas e contra-marchas dos revoltosos de Prestes e dos legalistas, passando por Corumbá.

Em 1928, novamente meu pai voltou a Goiás, a passeio. Agora, íamos de automóvel: a primeira grande viagem de automóvel feita por nós. Em outubro, quando meu pai, minha mãe e minha irmã regressaram a Corumbá, ficamos em Goiás, em casa de nosso avô, na Rua da Estrada, eu e meu irmão mais velho. Daí em diante, até 1937, quando tirei o curso secundário no Liceu, morei em Goiás, com alguns intervalos, como no ano de 1936, quando fui ser escrivão de polícia em Anápolis.

Voltei para Corumbá em 1938 e em 1939 vim para Goiânia, onde resido até hoje. Em 1943 e 1944 estive no Rio de Janeiro durante alguns meses. Fui para ficar e já levava os originais de Ermos e Gerais, acontece porém que peguei uma gripe forte e tive que chamar

um meu primo estudante de medicina, para me tratar. Enquanto preparava a injeção, com um ar sibilino e trágico, o primo recitava:

Em cada segundo morrem tantos tuberculosos no Rio;
Em cada minuto morrem tantos tuberculosos no Rio;
Em cada hora morrem tantos tuberculosos no Rio;
Em cada dia morrem tantos tuberculosos no Rio;
Em cada semana morrem tantos tuberculosos no Rio;

De tal maneira aquilo me calou na alma que no terceiro dia, ainda tossindo e espirrando, fiz minha mala, peguei o trem ali na Pedro II e vim esbarrar em Goiânia, com o firme propósito de jamais pensar em cidade grande.

Havia em Corumbá um mestre-escola; como todo mundo na cidade, também êle era Fleury Curado. Meu pai escreveu uns versinhos criticando sua didática e o mestre meteu-se em brios e não aceitou como seus alunos os filhos do poeta-crítico, Daí, tivemos nós que aprender em casa.

Uma das mais velhas lembranças de minha infância é meu pai confeccionando uma carta de abc para aprendermos a ler. Pegou uma caixinha que suponho tenha sido de sapatos, recortou as bordas da tampa e nela pregou, em linha, as letras maiúsculas do alfabeto, as minúsculas e as manuscritas de ambos os tipos. As letras tinham sido recortadas de jornais que meu pai assinava e que recebia emprestados para ler do tio André.

Havia até uma gravura: miniatura de paisagem – rio, ponte, gado pastando – certamente retirada de alguma revista francesa, daquelas belas revistas que o tio André, infatigável leitor, mandava vir, cheia de guerras européias, e de mulheres elegantes em carros modelo 1922-3.

Daí passamos para o velho Abílio César Borges.

Mas meu pai era impaciente e sem método. Queria num dia ensinar o dia inteiro para depois passar uma quinzena sem exigir nenhuma lição de nós. Quando voltava a cobrar as lições, era mais para clamar e bradar que éramos uns tapados, que iríamos morrer de burros, capinando quintal dos outros, que não queríamos nada, que,

enfim – tanta miséria, tanta fantasia de meu pai, tanta tragédia e drama que êle resolvia compor às nossas custas –, um dia, minha mãe (de natural submissa e conformada) rebelou-se e tomou a seu encargo o nosso ensino.

Em solteira, em Goiás, minha mãe começara a estudar no colégio das freiras dominicanas. Mas meu avô passava por uma fase de anticlericalismo, influenciado por um irmão de meu pai, cunhado de meu avô, positivista ferrenho, muito orgulhoso de ter estado ao lado de Deodoro da Fonseca no dia da proclamação da República. Em 1889, o cunhado era aluno da Escola Militar. Graças, pois, à nobilitante companhia de Deodoro, meu avô retirou minha mãe do colégio das irmãs dominicanas e ela ficou apenas com as primeiras letras aprendidas em casa.

Contudo, minha mãe lia e escrevia bem: até hoje suas cartas são ótimas. Ela possui uma grande sensibilidade e imaginação fortíssima. Com ela, progredimos muito. Ainda me lembro de mamãe de resguardo de parto de minha última irmã, ensinando-me lição na cama. E chovia ou começava a chover.

Já no terceiro livro de leitura, ou quando nós nos metemos pela Geografia de Joaquim Maria de Lacerda e de João Ribeiro, aí meu pai estava novamente comandando ou desmandando nosso estudo. Entretanto, até hoje, guardo nos ouvidos suas lamentações, seus temores e seus negros presságios de futuro para nós que não queríamos estudar, no seu entender. Entretanto, somente hoje entendo que suas lamentações eram, antes de mais nada, uma vingança contra a intromissão que fazíamos no seu mundo de sonhos poéticos. Sentia-se êle na inarredável obrigação paterna de ensinar-nos. E para isso, emergia de seus livros, de suas leituras, de seus devaneios poéticos, para o dia-a-dia e o corpo-a-corpo das lições primárias, fato que muito o amolava e entendiava. Sobre nós, pois, descarregava a sua revolta e sua rebeldia vamos dizer: de forma covarde.

Por êsse tempo, excetuando as lamúrias e pragas de meu pai, a vida em Corumbá me parecia deliciosa. Havia uma grande parentela. A gente vivia da casa de um parente para a de outro, iniciando os namoricos com as primas e conhecidas. O ano decorria de festa em

feita. Em dezembro, eram as festas de Natal, com a missa do galo e os presépios, até os Reis Magos. Em janeiro, vinha a festa de S. Sebastião, santo de muita devoção porque era o protetor do rebanho. As novenas eram de foguetório e leilões. No meio de cada novena, o Padre Chiquinho, de boa voz, cantava: “Glorioso São Sebastião, livrai-nos da peste com o vosso patrocínio!” Aquilo me encabulava porque havia na cidade um homem chamado Patrocínio, bom carpinteiro e nada mais. No entanto, por que o metia o vigário na reza, deixando de fora meus tios que eram ricos, importantes e coronéis? Coisas?

Por março-abril era a coresma e a semana santa, com muito roceiro e a cidade numa tristeza de matar, a igreja panejando toalhas roxas, o sino rolando seu dobre funérico à meia-noite, Mangarati, a mulher que virava lobisome, vinha comer fraldas sujas de cocô de nenem, nas noites de lua. Na Sexta-Feira da Paixão, o coronel da cidade (meu tio), distribuía para cada família moradeira na rua uma lata de sardinha, ou uma lata de camarão ou um pedaço de bacalhau.

Em maio eram as folias, os pousos de folia, as festas do Senhor Divino Espírito Santo. No sábado e no domingo eram as folias da rua; sábado, folia de Santa Ifigênia e Santo Elesbão, devoção de escravos e dos pobres atuais; no domingo, era a folia do Divino, com Imperador, mesada e algumas vêzes entremez e cavalhada. Na segunda e na terça-feira, seguiam-se as congadas de catupé, festa da roceirama.

Em junho, fogueiras de Santo Antônio, São Pedro e São João, algumas romarias como a de N. S^a da Abadia da Posse celebravam-se entre junho e outubro, quando os roceiros estavam ocupados nas derrubadas e no plantio das roças. Em outubro era a festa da padroeira da cidade, N. S^a da Penha de França, e daí só o Natal, que era quadra de salga de gado, capina de roças, etc.

De tudo, porém, o que melhor havia em Corumbá era o Rio Corumbá chamado, amigo e generoso, correndo sôbre lajedos e brancas areias, despencando das fraldas do Pireneus as águas frias e muito limpas. Não tinha peixes por causa das muitas corredeiras e do constante uso de dinamites. À sua margem ensolarada e mosquitenta

estávamos desde a manhã até à tardinha. Eram os banhos, os longos banhos: nosso esporte, a higiene, nossa escola para os segredos do sexo e da alma. Poço da Brandinha, Poço de Felino, Poço Debaixo da Ponte, Poço da Barrinha. Havia lugares amaldiçoados, como aquêles em que um boiadeiro jogou uma faca aparelhada de prata para o companheiro pegar. O companheiro mergulhou e nunca mais não voltou. Outro onde desapareceu a pobre da Fé. Só sobrou um pé de chinelo. Foi sucuri? Foi o cão? Ninguém nunca soube. Havia o banheiro das môças, que a gente espiava escondido e acabava em brigas e tiros até.

Mês sem erre, nesse era proibido lavar corpo no rio.

Por fim, saímos de Corumbá, das aulas irregularíssimas de meu pai, e fomos para a Capital, cursar o primeiro ensino regular. Matriculamo-nos na aula do Professor Alcides Celso Ramos Jubé, que mantinha curso de admissão do Liceu, na Rua do Carmo. Em fins de 1928, fizemos exames. Meu irmão passou e eu que sabia muito mais do que êle, na hora, fiquei nervoso, não dei conta de resolver um tal de “carroção” – desgraça de cálculo em que entravam tôdas as espécies de operação – e fui reprovado.

Repeti o estudo com o Professor Alcides e passei. No Liceu Goiás, nenhum professor me chamou a atenção ou conseguiu despertar simpatia. Guardo de todos uma lembrança cinzenta: homens falando por trás de uma mesa sôbre assuntos que de interessantes nos livros se tornavam horrivelmente insípidos nas suas bôcas. Jovem tímido, entre mim e êles antepunha-se a bruma da indiferença. Exceção de tudo isso era Professor Setúbal, João Setúbal. Êle horrizava-me mais que os outros porque era gritador, franco, terrivelmente agressivo. Entretanto, foi de sua biblioteca que me chegou às mãos o primeiro livro de Freud que falava com naturalidade daquilo que para mim, era a suprema tortura e o eterno encantamento – o sexo. Depois, li livros sôbre uma doutrina que falava de um mundo vivo e atual: o marxismo.

Uma noite, na Rua da Abadia, ouvia uma aula sua de matemática; era uma aula gratuita que nos dava porque não aprendíamos a matéria. Era na segunda metade do ano, fazia

calor, fui dentro da casa beber água. Quando meti o copo no pote, notei que em vez de água, saía leite, leite de vaca fervido, meio salgadinho – uma delícia. Bebi um copo e repeti, voltando para a sala meio desconfiado. Dêsse dia em diante, não havia aluno que não fosse lá dentro beber água, isto é, beber o leite do pote. Eu então não dispensava. Rapaz de crescimento rápido, morando em república e comendo pouquíssimo, sem dinheiro para comprar pão, leite ou fruta, eu padecia de uma fome constante e torturante.

O que tinha acontecido foi que o Professor Setúbal confiou que a maioria dos alunos não aprendia por ter fome ou não se alimentar. Entretanto, dizer isso seria agravar os rapazes e especialmente suas famílias que se tinham na conta de gente se não abastada, pelo menos importante. Então, astuciou êste expediente: deixava um pote cheio de leite que os alunos tomavam supondo que o estavam enganando.

Até hoje guardo das aulas do Professor Setúbal a impressão da mais completa confusão; em compensação sempre que pronuncio o seu nome, tenho uma reconfortante sensação de barriga cheia. Em Goiás havia também os banhos de rio, mas lá êles ficavam mais distantes e não dispúnhamos do dia inteiro, como eu Corumbá.

Na casa de meu avô o que me agradava eram as cabras. Meu avô teve fazenda de gado, teve casa comercial, mas acabou se tornando funcionário público, como a totalidade dos habitantes da velha capital. Para seu consôlo, criava cabras. Quantas eram, talvez três. Não as criava sôltas como a maioria dos habitantes da cidade. Para evitar complicações, tinha-as prêsas num curral entre a pedreira grande do quintal e o muro da casa de Sá Joana, fazedeira de bôlo de arroz. A cêrca era de pés de pinhão, pau que cabra não come nem rói. Um dos poucos.

Meus avós não gostavam de meninos na rua: Éramos presos dentro de casa dia e noite e o refúgio era o quintal. Essa prisão tinha várias determinações. Primeiro: meu pessoal tinha lá suas bazôfias de grandeza, descendia do Anhangüera, tinha um conde na família, o primeiro general brasileiro... Portanto, não era bom preceito misturar-se com molecada da rua. Segundo: menino sôlto além de aprender coisa-feia, acaba é brigando e indispondo os pais. Portanto, nada de

vadiações. Terceiro: Menino sôlto gasta muita roupa e muito calçado. Nessas condições, finda a aula, tínhamos que vir para casa, tirar a roupinha-de-ver-Deus e meter-nos nos panos remendados, de pé no chão e livro na mão.

Quanto a mim, ia cuidar das cabras, que são uma nação de bicho muito simpática, delicada e inteligente. Já me conheciam. Chegava, e elas já vinham com aquêles olhos morteiros, tremendo os beiços e berrando esprimido. Pegava de uma vara e cutucava na grande gameleira de fôlhas largas de riba da pedreira, derrubava muita fôlha e ia dando aos bichos até que êles enfarassem. Um dia a ração era de fôlha de gameleira, outro dia de fôlha de bananeira, aquelas bananeiras folhudas, bem adubadas pelo excremento humano, que era atrás delas, onde fazíamos as precisões. Depois, dava-lhes água.

Pelas três horas meu avô regressava da repartição, tirava também a roupa menos má, punha uma velha e ia em chinelos briqueitar por ali nalguma coisa, que êle era metido a carapina. Às três e meia, jantava-se. Depois do jantar meu avô ia às visitas, quando não as recebia.

A família era numerosa: tinha irmão formado em Direito por São Paulo, político de renome; tinha irmãs casadas com desembargadores, tinha inúmeros outros parentes importantes. Às nove horas, a corneta tocava revista no quartel do Sexto Batalhão de Caçadores e no quartel da Polícia; na cadeia, o sininho repicava longamente. Aí preparava-se o chá de Lipton ou de mate, que era servido com um bom pedaço de pão com manteiga e todos iam para a cama, sem nunca antes haver rezado cada um suas orações e seus terços ou rosário das muitas promessas.

No outro dia, às cinco horas, aparecesse ou não assombração durante a noite, meu avô já ia para o mercado, tendo antes coado o café e fumado seu cigarrinho. Ia comprar carne e mantimentos, de desculpa. Que o mercado era o clube: ali reunia-se, cada manhã a cidade inteira para os cochichos e comentários. Voltava de lá pelas sete e meia, em tempo de tirar o leite às cabras, nas quais havíamos, de véspera, pôsto bornais cheios de milho ou farelo. Os bornais eram não sòmente nas cabras, mas também nos cabritinhos, para evitar que

mamassem durante a noite. O bernal das cabras era para evitar que elas mamassem em si mesmas, como eram vezeiras.

A ordenha era uma operação complicada para meu avô. Levava um banquinho para nêle se assentar e eu ficava agarrado ao chifre de uma das bichas – a negra; a outra, a branquinha, era môcha e eu tinha que pegar nas orelhas. Tinha vez que as cabras espinoteavam e dava pancas desleítá-las. Com o leite minha vó fazia uma beberagem consistente em farinha de milho, queijo picado e café ralo. O leite com o café eram quentes e cozinhavam a farinha e o queijo. Chamava-se a isso “peitudo”, tido como comida de sustância. Empanturrado, íamos para o Liceu, cujas aulas começavam às sete horas. De lá saíamos às dez, quando meu avô já havia almoçado com família e ido para a repartição, cujo expediente principiava às dez horas.

No fim do ano, meu avô me mandava à casa de um tal Pinta Roxa, homem branco de vastos bigodes, sempre de chapéu à cabeça, que trançava laços e cabrestos, morador mesmo nos fundos da casa de meu avô, mode pedir emprestado seu bode: era tempo de enxertar as cabras. Então, por uma semana ou mais, tínhamos a alegria dos bodejamentos do bicho macho, bufando e berrando e fedendo de dar gôsto. Minha vó nessa quadra não gostava que fôssemos ao quintal, mas poderia haver melhor tempo de ver cabras?

Certo dia, começavam discussões: vovó protestando, o velho reclamando; a tia solteira e o tio solteiro também trombudos; um dizia uma indireta, outro respondia coisas ininteligíveis para nós. É que algum bodinho ou cabritinha estava desmamado e não podia continuar no curral. Precisava vendê-lo ou dar, mas isso era um problema sério. O animal ganhara o amor e a estima de todos. Dispor dêle causava dor profunda e sincera, tal se fôsse um membro da família que ia partir. Da mágoa participava até a môça que criavam, a Grinaldina. Por fim, após longa peleja, meu avô obtinha que alguém merecedor de confiança levasse a cria: de princípio, emprestava a cria até comprovar bom comportamento do nôvo dono ou até que o pessoal se acostumassem com a idéia de ficar privado do animalzinho.

Outro dia, a casa se abalava: olha, aquela cabritinha que foi nossa, morreu, ou foi vendida, ou está doente, que êles nunca as

perdiam de vista.

Dada a formação geológica pedregosa de Goiás, a seca esturricava tudo, as águas secavam, não se viam senão uns poucos ramos verdes, o calor era insuportável: tudo e todos, em fins de setembro, clamavam por chuvas, as quais tardavam a vir. Quando vinham, uma transformação maravilhosa se dava na natureza: tudo rebrotava, de todo ponto corria água, de tôda loca pulava um sapinho, de cada fôlha voava um pássaro, um besouro, um grilo, um inseto dourado feito uma jóia. Com os primeiros chuviscos, o quintal se cobria de um veludo de capinzinho nascendo. Meu avô ia para o quintal e fazia casas de fazenda, com currais, porteiras, moirões para custeio de gado, uma perfeição. Mais perto de casa, êle puxava um reguinho de enxurrada, confeccionava um monjolino e assentava a máquina. A chuva batia e êle lá estava deliciando-se com a socação do monjolo.

Meu avô era homem irritadiço, mas de natural alegre e simples, inimigo figadal de responsabilidades sérias. Um problema sério o deixava logo com bôca amarga e estômogo doendo, sem sono e sem apetite.

Meu pai também era folgazão, quando não estava angustiado em temores. Era um grande contemplador da natureza e seu admirador. Era não menos amigo de inventar histórias fantásticas. Quando apareceram os primeiros automóveis, êle, que já os conhecia de Rio e São Paulo e conhecia sua construção e funcionamento através dos conhecimentos que tinha de física, matemática, etc., inventou que os autos eram feitos assim: fazia-se um carro com tôdas as peças, de cêra de abelha, em tamanho pequeno. Fechava-se a miniatura num quarto fechado, onde não entrasse luz nem ninguém. Com o prazo de um mês, tinha-se um carro grande. Eu, meu irmãos e um primo tentamos a experiência, mas passado um mês o carro permanecia pequeno e de cêra. Fomos a papai que explicou que a miniatura estava incompleta e o quarto tinha luz. Concordamos, refizemos o modelo e partimos para uma segunda e uma terceira experiência. Depois largamos de mão.

A mim, que faço anos no dia 15 de novembro, meu pai contava

uma lorota. Como nesse dia, em Corumbá, a banda saísse pela rua em matinas, arrebentavam foguetes no ar, hasteavam bandeira nacional na cadeia e no telégrafo – mau pai dizia que os festejos eram por minha causa e por minha honra. Certamente que eu ficava encabuladíssimo, pois era uma das únicas pessoas a ter seu aniversário tão festejado. Digo uma das únicas, porque seu irmão mais velho era do dia 13 de maio e também êle ganhava banda e bandeira. Mais tarde tive conhecimento da verdade, isto é, que 15 de novembro e 13 de maio eram datas nacionais. Parece que tal conhecimento não me trouxe complicações. Pelo menos, por mais que rebusque nenhum sinal descubro na alma; contudo, em 1939 escrevi um poema, no qual aflora, talvez inconsciente, um certo amargor por êsse fato da infância. Eis o poema:

O Homem Que Fazia Anos No Dia Sete de Setembro

No dia de meus anos
a bandinha saía pra rua de madrugada,
tocando matinas.
A gente acordava com o estrondo dos foguetes,
espantando os morigerados pombos da tôrre da igreja.
Botavam bandeira na Prefeitura,
no correio,
na cadeia.
Havia discursos, passeatas, etc.
- Tudo por sua causa - dizia meu pai,
e eu ficava intrigadíssimo
porque ninguém mais era igualmente festejado.
Hoje, como conheço história do Brasil,
mudei a data de meus anos,
que é o dia mais triste do mundo.

DESPERTAR PARA A LITERATURA

Na qualidade de poeta e homem possuidor de boa cultura sem embargo de seu autodidatismo, e de seu contato com o Rio de Janeiro, São Paulo e o litoral, meu pai era admirador incondicional dos artistas. Para êle, um poeta, um romancista, um contista, um ensaísta estava acima de qualquer Napoleão, de qualquer Henry Ford. Morando nos cafundós de Corumbá, assinava jornais, revistas literárias e se mantinha em dia com a literatura. Seu irmão André mandava vir para êle *L'Illustration Française*, com as intermináveis peças de teatro.

Com tal mentalidade, meu irmão tinha dois anos quando meu pai o fêz fotografar com um livro pela frente e um papagaio no espaldar da cadeira. Quanto a mim, muito cedo, meteu-me nas mãos *Os Lusíadas*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *A cidade e as Serras*, *Iracema*, *O guarani*, *Inocência*, *Os Mártires do Cristianismo*, *Nova Floresta*, de Manuel Bernardes e outras desgraças semelhantes. Eu detestava tais velharias, bem como a miserabilíssima *Arte de Fazer Versos*, de Osório Duque Estrada, segunda edição, 1914. Nenhuma figura na desgraça de tais livros.

Apesar disso, cheguei a encarrear algumas quadrinhas e fui até a compor um conto fantástico calcado sôbre *Assombramento*, de Afonso Arinos, de mistura com narrativas de *O Tico Tico*, que um primo assinava e me emprestava. A partir 1930 comecei a ler suplementos literários, onde modernistas de então escreviam coisas. E suas coisas eram aquelas coisas que eu via diariamente e com as quais me encantava. Comecei a perceber que havia um ligação entre literatura e vida cotidiana, coisas que não percebia em *Os Lusíadas* ou em *Eça de Queirós*. Acontece, porém, que em Goiás, nós não líamos jornais, nem revistas. Por êsse modo, só durante as férias é que, com as leituras de Corumbá, a gente progredia nesse setor.

Em 1935, caiu-me nas mãos *A Bagaceira*, depois li Zê Lins do Rêgo: aí senti necessidade de contar coisas como esses contavam e percebi que muito havia que contar. Escrevi, de sentada, dois romances, mas não tinha coragem de contar para ninguém, nem

mostrar uma só linha. Meu pai era excessivamente exigente. Tudo que se fazia, não prestava e ainda vinha com gozações. Os professôres se encastelavam numa importância idiota, afirmando que romance moderno era pornografia. Havia outros companheiros que falavam em literatura, mas gostavam de Camões, Alencar, Chateaubriand com suas Beautés Choisies que fôsse pro diabo! Ler para quem? Conversar com quem na minha timidez? Contudo, deliciava-me ouvindo as discussões de meu pai com irmãos e primos mais velhos, em Corumbá, sôbre literatura.

Aí, em 1934, fundam (eu também tomei parte) O Liceu, jornalzinho do Grêmio Literário do Liceu de Goiás. Logo no primeiro número, apareço com um poema: “A Chaminé”. Passei a escrever nos números seguintes. Formamos uma rodinha de escritores: José Décio Filho, Ordener Rios, Alaor Gomes de Almeida, Goiás do Couto, Geraldo Campos. Aí já se discutia literatura, comentavam-se livros, freqüentava-se a livraria de Apulco de Alencastro, em frente ao Palácio. Por intermédio de um amigo e parente, Paulo Ferreira, li Balzac, Zola, Vítor Hugo e Talstói. Sobretudo Balzac.

Meu irmão descobriu uma tal corrente da sorte. Era uma oração assinada por dez nomes. A gente fazia 10 cópias, mandava dez mil-réis para o o último nome das assinaturas e remetia as dez cópias, nas quais como primeira assinatura vinha o nome da gente, em lugar da última que fôra retirada e para quem se remeteram os dez mil-réis. Meu irmão fazia tudo isso, mas não mandava os dez mil-réis para o último nome retirado. E mais: em vez de escrever 10 cartas, escreveu trinta, com seu nome em último lugar.

Embora a oração dissesse que quem fizesse isso sofreria os maiores castigos, que Washington Luís foi deposto porque desobedeceu a corrente, apesar de tudo, meu irmão passou a receber dez mil-réis de tôda banda. Ficamos ricos, nunca tivemos tanto dinheiro para cinema, sorvetes, gravatas, bebidas, cigarros. Era uma coisa maravilhosa.

Com um dez mil-réis dêsses, um dia comprei o primeiro livro de literatura. Foi Antologia de Poetas Modernos, organizada por Atílio Milano, com Bandeira, Drummond, Murilo Mendes, Jorge de Lima,

beleza, beleza. Lia, relia, trazia o livro no bôlso, meu primeiro livro, meu livro que não eram aquelas sensaborias de estudo. Fiz pastiche dos poemas, publiquei no Liceu, passei a criticar os poetas antigos, metia o pau em Camões, cuspiam no chão quando cruzava pelos poetas consagrados de Goiás, como Luís do Couto, Vasco dos Reis. Fiquei famoso como poeta e passei para o conto, já que romance não tinha jeito de publicar.

Aí, um meu primo, Ercílio, foi para o Rio e de lá me mandava jornais contendo produções literárias. Era Rubem Braga com suas crônicas, estudos críticos de Tristão de Ataíde, poemas de Mário e Oswald de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Jorge Amado.

Findo o Liceu, transferida a capital para Goiânia, pretendia seguir para o Rio, fazer literatura lá. O diabo é que não tinha dinheiro e pedir a meu pai, jamais o faria, pois sabia que lutava com muita dificuldade em Corumbá. Bolei uma solução: me empregaria, economizaria e iria para o Rio. Fiz criar um cartório de Crime em Corumbá, obtive minha nomeação para seu titular e meti-me no trabalho. O tempo pesava, e o ganhamo nem dava para as despesas. No fim do ano não possuía um real de economia, e já estava disposto a tomar outra solução, quando me chega um convite para Secretário da Prefeitura de Goiânia, Nem titubeei: fiz a mala e me botei para Goiânia. Peguei o emprego para por seu intermédio alcançar o Rio. Enquanto não podia seguir, fui fazendo o resto do curso ginásial; mas parece que o meio me prendeu e daí me meti na Faculdade de Direito, único curso superior então existente.

Enquanto esperava ensejo de ir para o Rio, ia escrevendo nos jornais da terra e obtendo uns pálidos louros. Um grupo logo surgiu com tintas de renovador: José Bernardo Félix de Sousa, Zecchi Abrão, Carlos de Faria, Décio Filho, Godói Garcia, Antônio Caldas, Gerson de Castro, Osvaldo Rosa, Domingos e Afonso Félix de Sousa. Foi a época em que surgiu a revista Oeste, dirigida por Paulo Figueiredo. Também morava em Goiás o Dr. Francisco Peixoto, vindo de Cataguases, a cujo círculo pertencera. Aproximou-nos e familiarizou-nos com Bandeira, Drummond e Mário de Andrade, o mesmo fazendo do Dr. José Aparecida Teixeira, professor do Liceu.

Tais autores me pareciam inatingíveis e sôbre-humanos; foram esses homens que me mostraram que os grandes autores não eram senão como nós mesmos e isso foi para mim muito importante.

Daí, já estamos na guerra e com seu término uma nova era que se abre. O mundo parece ficar menor, o sertão se contrai, varado de estradas, é o rádio, é a elevação do padrão de vida, é a difusão dos livros e dos conhecimentos.

Em 1944, pela Bôlsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo prefeito Venerando de Freitas Borges, sai a lume meu primeiro livro de contos, Ermos e Gerais. A crítica o recebe com louvor, Monteiro Lobato e Mário de Andrade escrevem cartas altamente elogiosas.

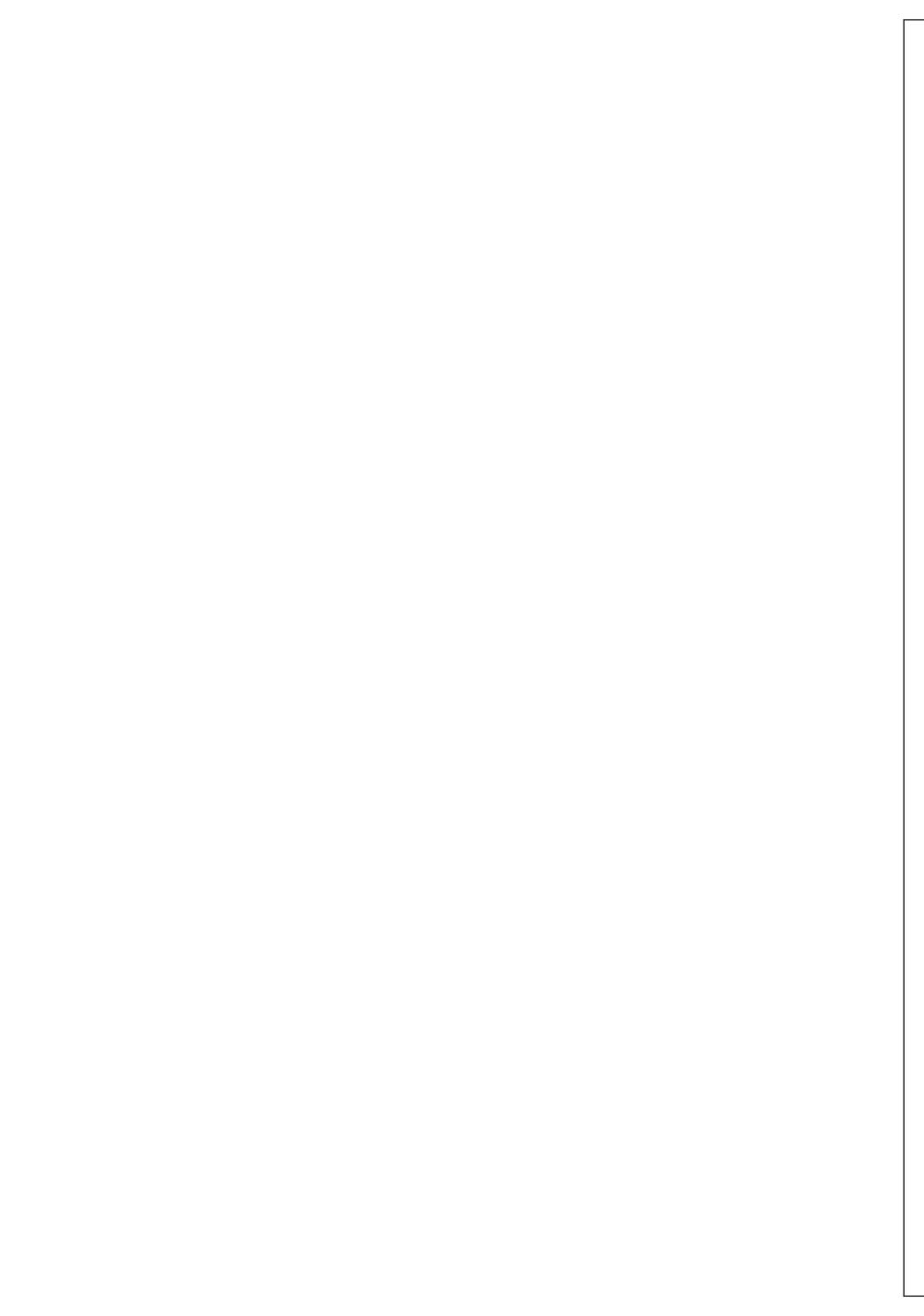
Daí para cá, tenho feito o que é possível, em face da circunstâncias ora favoráveis ora desfavoráveis para aquêles que possuem uma visão global diferente da bitolada pelo conformismo.

Outros livros vieram: Primeira Chuva, poesias, 1953; O Tronco, romance, 1955; Caminhos e Descaminhos, contos, 1965, A Terra e as Carabinas, de 1951, em folhetim de jornal local, S. Miguel e Almas, outro romance pronto desde 1939, não publicado, por julgar incompleto, êrro que está sendo corrigido atualmente.

Durante todo êsse longo período, tenho mantido íntimo contato com as letras, principalmente procurando difundir seu conhecimento e seu estudo, bem como outros estudos indispensáveis à literatura, em nosso Estado. Tenho fundado, dirigido e mantido jornais, revistas e suplementos literários, tenho cursos de literatura, palestras e conferências, tenho escrito ensaios e estudos, etc ...

No momento, considero como verdadeira premiação a tais esforços minha classificação no concurso de contos instituído pela Livraria José Olympio Editôra, do Rio, o Prêmio José Lins do Rêgo. É a oportunidade que se me apresenta de ter uma obra editada no plano nacional. Upa, como é duro e como é desanimador escrever num país de analfabetos e ainda por cima no sertão e por cima de tudo num Estado pobre e desimportante como Goiás!

Goiânia, outubro de 1965.



BIBLIOGRAFIA

ATHAYDE, Tristão de. Artigo publicado no **Jornal do Brasil** (Recorte sem dados).

AZEVEDO, Aroldo de. **Geografia Humana do Brasil**. São Paulo, Nacional, 1956.

BUDIN, J. e Silvio Elia. **Compêndio de Língua e de Literatura**. 1º volume. São Paulo, Nacional, 1953.

CASAI, Adolfo Monteiro. **Clareza e Mistério da crítica**. Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil** vol. II. Rio de Janeiro, Sul Americana.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais**. Goiânia, Oió, 1959.

_____. **Caminhos e Descaminhos**. Goiânia, Brasil Central, 1965.

_____. **Veranico de Janeiro**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.

GOMES, Modesto. Sapietiam Quaerere - **Revista da Universidade Federal de Goiás**, Goiânia, UFG, Ano 1, nº 2, 1966.

QUADROS, Jânio. **Curso Prático da Língua Portuguesa e sua Literatura**. Vol. I, 1966.

SABINO JÚNIOR, Oscar. **Goiânia Documentada**. São Paulo, Edigraf, 1960.

SILVEIRA, Peixoto da. **A Nova Capital**. Pongetti, 1957.

SPILLER, Robert E. **O Ciclo da Literatura Norteamericana**. Trad. de Léo Gilson Ribeiro (título original: The Cycle of American Literature). Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1961.

TELES, Gilberto Mendonça. **A Poesia em Goiás**. Prêmio de Ensaio do “I Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás”, Goiânia, 1964.

_____. **Goiás e Literatura**. Goiânia, E. T. C., 1964.

_____. **O Conto Brasileiro em Goiás**. Coleção “Ensaio” Rio de Janeiro, São José, 1967.

Êste livro foi editado pelo Departamento de Cultura, da
Secretaria da Educação e Cultura, sendo inteiramente
confeccionado nas oficinas gráficas da GRÁFICA E
REPRESENTAÇÕES “COUTO MAGALHÃES” –
Anápolis-GO.

Outubro, 1968



Concluinte de Letras Modernas (1966) na Faculdade “Bernardo Sayão” Anápolis. Professôra de Português, no Colégio Couto Magalhães e no Colégio Estadual José Ludovico de Almeida, Anápolis.

A partir dessa data (1968), passa a publicar esporadicamente em jornais e revistas.